

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Iris Stachissini Manzoli

**ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL
DESAFIOS E PERCEPÇÕES EM UM COLÉGIO BRASILEIRO**

**Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre, no âmbito do Mestrado em Ciências da
Educação, orientado pela Professora Doutora Maria Augusta Nascimento e apresentado à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

Julho de 2021

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Iris Stachissini Manzoli

**ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL
DESAFIOS E PERCEPÇÕES EM UM COLÉGIO BRASILEIRO**

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, orientado pela Professora Doutora Maria Augusta Nascimento e apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Julho de 2021

“A educação é a arma mais poderosa que você pode
usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

Agradecimentos

Durante o período como mestranda, tive o apoio de algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização deste meu objetivo. Por esta razão, expressarei aqui apenas um pequeno pedaço da minha gratidão a todas elas.

Primeiramente agradeço à minha irmã gêmea, Vittoria, que me incentivou a iniciar essa jornada e atravessar o oceano em busca desta realização. Esteve comigo durante os mais difíceis e até mais frustrantes momentos neste percurso, porém exaltou o meu potencial e se dedicou para encorajar os meus estudos. Obrigada por estar sempre comigo e ser o meu porto-seguro em todas as circunstâncias. Meu agradecimento especial à minha mãe, Eliane, que impulsionou todas as filhas em direção aos estudos, valorizou a educação e me apoiou incansavelmente para que eu fosse uma profissional realizada e feliz. Um agradecimento particular à minha avó, Radley, que é professora e em toda a minha vida a senti prestigiada pela sua profissão e feliz por todas as realizações dentro e fora da sala de aula. Às minhas duas irmãs mais velhas, Carina e Bianca, pelo apoio e incentivo que me deram em diversos momentos. À toda a minha família, um muito obrigada! Excepcionalmente ao meu pai, Vittorio, que hoje é uma estrela e me guia em todos os meus passos.

Agradeço ao Thomas, namorado e amigo que compreendeu a distância e a ausência de maneira leve, mesmo sendo saudosa. E esteve ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim, feliz com cada conquista, independente da distância entre nós. Sem o seu apoio teria sido ainda mais difícil esta etapa.

Agradeço à minha parceira de trabalho, Laura, que durante este período se tornou minha amiga, com quem compartilhei diversas angústias, preocupações e muito trabalho. Quantas descobertas, ensinamentos e leveza trouxe aos meus dias turbulentos de isolamento social. Obrigada pelo companheirismo e pela amizade construída durante este período.

Minha gratidão às pessoas que cruzaram meu caminho na Universidade de Coimbra, Liliana, Gabriela, Tânia e Ana Rita. Amigas que fiz durante aulas e trabalhos, e que mantiveram acesa a minha vontade em aprender e a valorizar a educação. Obrigada pelo apoio e acolhimento enquanto estive presente em solos portugueses.

Por fim, agradeço à professora orientadora Maria Augusta que foi extremamente receptiva na minha chegada à Universidade de Coimbra, esteve aberta ao diálogo e me ensinou tanto, sempre de maneira leve. Com ela compreendi que ser docente é mais do que transmitir conhecimentos, é se fazer presente e tornar a empatia mais próxima de sua prática.

Resumo

O presente relatório refere-se ao trabalho desenvolvido durante o estágio curricular no contexto da realização do Mestrado em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no Colégio São João, em Ilhabela/Brasil.

É exposto, aqui, o estágio realizado na instituição privada Colégio São João, no decorrer do ano letivo de 2020, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Importante destacar que esta é uma fase de transição para as crianças entre 6 e 7 anos de idade que saem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, período que além de iniciar o processo de alfabetização, prepara os alunos para a vida escolar de forma significativa.

Deve-se enfatizar que o estágio ocorreu em um ano de dificuldades e adaptações para a educação, em decorrência da pandemia do COVID-19. De tal maneira que a educação brasileira, e mundial, tiveram de traçar medidas emergenciais para atender aos alunos por meio do ensino remoto, devido ao isolamento social para conter a propagação do vírus.

Ao longo do ano letivo foi conciliado o papel de professora com mestranda em Ciências da Educação, levando em consideração as necessidades do Colégio e demandas dos alunos no que diz respeito ao ensino remoto, a pandemia e a pouca idade dos estudantes. Para tal, foi relevante planejar e reunir com corpo pedagógico institucional para articular possíveis intervenções diante deste limitado cenário da educação em 2020.

O foco central deste relatório é descrever as propostas desenvolvidas ao longo do estágio, que visaram, essencialmente, possibilitar que os meios de comunicação virtuais aproximassem criança e escola em tempos de isolamento social. Para tanto, foi necessário promover um maior vínculo entre escola, professoras e famílias, com o intuito de melhor apoiar as crianças em seus processos de aprendizagem e articular e otimizar o trabalho desenvolvido.

Palavras-chave: Ciências da Educação; Ensino Fundamental; ensino remoto; isolamento social.

Abstract

This report refers to the work developed during the curricular internship at Colégio São João, in Ilhabela/Brazil, in the context of the completion of the Master's Degree in Educational Sciences from the Faculty of Psychology and Educational Sciences at University of Coimbra.

Here, the internship performed at the private institution of Colégio São João, during the academic year of 2020, in a 1st Grade Elementary School class is exposed. It is important to highlight that this is a transition phase for children between 6 and 7 years old who leave Kindergarten to Elementary School, a period that, in addition to starting the literacy process, prepares students for school life significantly.

It should be emphasized that the internship took place in a year of difficulties and adaptations for education, as a result of the COVID-19 pandemic. In such a way that Brazilian and global education had to draw up emergency measures to assist students through remote education, due to social isolation, to contain the spread of the virus.

Throughout the school year, the role of teacher and master's degree student in Educational Sciences was reconciled, taking into account the needs of the school and students' demands with regard to remote teaching, the pandemic and the young age of students. To this end, it was important to plan and meet with the institutional pedagogical body to articulate possible interventions in view of this limited education scenario in 2020. The central focus of this report is to describe the proposals developed during the internship, which aimed, essentially, to enable the virtual media to bring children and school closer together in times of social isolation. Therefore, it was necessary to promote a greater bond between school, teachers and families, in order to better support children in their learning processes and articulate and optimize the work developed.

Keywords: Educational Sciences; Elementary School; remote teaching; social isolation.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1: A instituição e a educação básica no Brasil.....	5
1.1. Caracterização da instituição.....	6
1.2. Currículo no contexto escolar brasileiro.....	8
1.3. Ensino Fundamental e os anos iniciais.....	11
Capítulo 2: Enquadramento teórico.....	13
2.1. Educação, escolarização e aprendizagem.....	14
2.2. Alfabetização e Letramento.....	16
2.3. Sócio Construtivismo e Sócio Interacionismo.....	18
2.4. Desenvolvimento Infantil e Cognitivo.....	19
2.5. Enquadramento familiar.....	21
2.6. Educação escolar em contexto de pandemia.....	22
Capítulo 3: Descrição e análise das atividades.....	25
3.1. O Estágio.....	27
3.2. Regime Presencial.....	28
3.3. Regime On-line.....	29
3.4. Ensino Híbrido.....	30
3.5. Diagnóstico da Turma.....	30
3.6. Intervenção.....	32
3.7. Análise da Prática.....	34
3.8. Percepção Pessoal.....	38
Conclusão.....	41
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	48
Anexo 1: Sondagem.....	49
Anexo 2: Elefantinho Colorido.....	49
Anexo 3: Desenho com venda.....	50
Anexo 4: Pesquisa 5 sentidos.....	50
Anexo 5: Projeto Tenho Monstros na Barriga.....	51
Apêndices.....	52
Apêndice 1: Entrevista com famílias.....	53
Apêndice 2: Entrevista com professora.....	61
Apêndice 3: Entrevista com diretora.....	63

Índice de Figuras, Tabelas e Gráficos

Figura 1: Aprendizagem e Projeto	8
Figura 2: Hipóteses de escrita	36
Figura 3: Frequência nas aulas	37
Figura 4: Análise FOFA.....	40
Tabela 1: Estágios e Desenvolvimento	20

Lista de Abreviaturas

E.F. - Educação Fundamental

E.I. - Educação Infantil

E.M. - Ensino Médio

PPP - Projeto Político Pedagógico

MEC – Ministério da Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PNE – Plano Nacional de Educação

EAD – Educação a Distância

INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta o Relatório Final de Estágio, constituindo parte da unidade curricular Estágio Pedagógico. Este relatório advém no decorrer do segundo e último ano curricular do Mestrado em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O estágio curricular, componente de extrema importância para a conclusão do Mestrado em Ciências da Educação, pretende “promover competências analítico-reflexivas e operativas que permitam uma análise e caracterização dos fenómenos educativos, a planificação de intervenções que apontem para a sua otimização, o desenvolvimento/implementação dessa planificação, bem como a sua avaliação” (cf. “Regulamento do Estágio Curricular do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra”, 2016, p. 1)¹

Tal unidade curricular, intitulada Estágio, possibilita aos estudantes do Mestrado em Ciências da Educação o contato com ambientes profissionais, além de, para àqueles que já tinham ingressado na área, inúmeras reflexões e aprendizados sobre a educação, suas complexidades e possibilidades.

Em relação às expectativas, pessoais e profissionais, com a realização do Mestrado em Ciências da Educação e a finalização do curso com a realização de um Estágio e Relatório do mesmo, utilizo-me da frase do educador Paulo Freire, para que possa expressar melhor a sensação de ser educadora: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. Assim, a ida para Portugal em direção ao estudo e aprimoramento de minha prática pedagógica, possibilitou-me inúmeras reflexões, desafios e vivências didáticas, mas ademais, a concretização de um sonho de alguém que acredita que não é possível falar/fazer educação sem amor.

Durante o percurso educativo vivido na Faculdade de Psicologia e Educação da Universidade de Coimbra, foi possível visualizar na execução do Estágio o alcance de uma gama de aprendizagens e possibilidades de colocar o estudo e a reflexão em prática. Além disto, como atuante na educação como professora anteriormente ao Mestrado, a execução do

¹ https://www.uc.pt/fpce/normas/pdfs/regulamentos/fpce/Regulamento_MCE_08_Maio.pdf

Estágio Curricular e de seu referido Relatório, fez-se capaz de uma oportunidade em analisar o (auto)conhecimento perante a profissão e a ética.

A escolha pelo local é resultado do atual cargo, como professora, nesta instituição escolar. O trabalho como educadora no Colégio São João, possibilitou uma visão de professora, sempre em construção, e também a visão de mestrandia, buscando aprimorar ainda mais o conhecimento. Desta forma, o nosso trabalho foi realizado no Colégio São João, instituição privada localizada no município de Ilhabela, Estado de São Paulo, no Brasil. Ao iniciar o ano letivo de 2020, a expectativa maior referia-se à atribuição de uma turma de alunos presentes no 1º ano do Ensino Fundamental, já que até então as maiores vivências e experiências pedagógicas decorreram-se na etapa da Educação Infantil. Após participar de estudos e planejamentos juntamente com a equipe escolar da Educação Fundamental, foi possível compreender algumas práticas educativas e didáticas, porém, sabia-se ao fundo, que na execução da atividade de Estágio iria encontrar maiores desafios e conseqüentemente maiores aprendizados.

O Colégio São João Ilhabela é uma instituição escolar que aborda a educação pela perspectiva do sócio construtivismo e sócio interacionismo, conduzindo então, um trabalho pedagógico que possui o(a) aluno(a) como centro de seu próprio aprendizado.

O estágio, então, teve início a partir de fevereiro de 2020, com o início das atividades letivas no Brasil, e sucedeu até meados de dezembro, totalizando nove meses de contato com alunos, escola e todo o corpo pedagógico. Isto porque, no Brasil, durante o mês de julho as atividades escolares ficam geralmente suspensas e todos encontram-se em recesso/férias escolares.

Devido ao surto de Covid-19 no Brasil e em todo o restante do mundo, o Governo do Estado de São Paulo decretou o fechamento de todas as instituições escolares a partir de 18 de março de 2020, como medida emergencial para contenção do vírus. Em razão disto, o estágio passou a ocorrer deste dia em diante, assim como a educação paulista, de forma remota. Então, as atividades que antes seriam analisadas e refletidas no ensino presencial, sucederam através das telas e com alguns desafios, não previstos anteriormente. Desta forma, o estágio em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, passou por complexidades, pesquisas e planejamento e sucedeu-se em uma profunda reflexão acerca da Educação Básica em período de isolamento social.

Neste relatório, portanto, será realizada a descrição do trabalho pedagógico realizado no 1º ano do Ensino Fundamental ao longo do ano de 2020, em isolamento social. Precisamente, um ano letivo marcado por estratégias desenvolvidas para realizar uma

educação pautada nas potencialidades e individualidades de cada aluno, mesmo de forma remota. Organizou-se, por meio de observações pedagógicas que considerem o desenvolvimento individual de cada um, suas peculiaridades, diferenças e valores, atividades que pudessem favorecer seus conhecimentos e visões de mundo.

No cenário em que se encontrou a educação em 2020, “é preciso refletir, ainda, sobre a importância das instituições de ensino e do professor, visto que a criação de ambientes educativos colaborativos e participativos ultrapassa o formato pedagógico concebido tradicionalmente. Como agentes do letramento, os professores, por meio de sua liderança, devem articular novas ações, proporcionando aos alunos oportunidade de mobilizar seus saberes.” (Sampaio, 2020, p. 13).

Para tanto, este relatório estruturou-se em quatro capítulos:

- A instituição e a Educação Básica no Brasil
- Enquadramento teórico
- Descrição e análise das atividades
- Conclusão

No Capítulo 1, *A instituição e a Educação Básica no Brasil*, encontra-se a descrição da instituição escolar onde o estágio foi realizado, respectivamente à sua história na educação, público-alvo e atividades profissionais desenvolvidas. Além de, permear pelo regimento escolar, com a intenção de apresentar a sua missão, visão e valores. Ademais, considerou-se pertinente, no final deste capítulo, apresentar o currículo escolar brasileiro e como é organizada a formação da Educação Básica no Brasil.

No que tange ao Capítulo 2, *Enquadramento teórico*, é apresentada a conexão do Estágio e de seu desenvolvimento com a pesquisa que o precede, apresentando análise da bibliografia relativamente às problemáticas em estudo. Identificando, também, a finalidade da pesquisa, do relatório e do conjunto de conhecimentos existentes sobre o nosso tema. Para completar este capítulo, buscou-se dissertar acerca da participação das famílias e do processo da educação escolar em contexto de pandemia, aprofundando a pesquisa com diferentes contextos e dificuldades, visto que o mundo teve de enfrentar mudanças profundas na educação durante o ano letivo de 2020.

Referente ao Capítulo 3, *Descrição e análise das atividades*, situa-se a parte central e significativa do relatório, em que descrevemos as atividades realizadas durante o estágio. Inicialmente, é apresentado o ensino em formato presencial, propostas esperadas e seu contexto, o esperado normalmente para o 1º ano do Ensino Fundamental. Em seguida,

apresenta-se o ensino em regime on-line, ou seja, de forma remota. Descreveu-se, então, como ocorreu o ensino no início deste formato, de maneira emergencial, e como foi estruturando-se ao longo do ano letivo, que se encontrou remotamente até meados de novembro. Após a descrição, a análise ocorre por meio de avaliações como apresentação de gráfico com participação dos alunos, seus estágios e níveis de escrita durante o ano e finaliza-se com algumas entrevistas: a primeira delas com duas famílias que acompanharam o ensino remoto durante o ano de 2020 com o 1º ano do Ensino Fundamental, depois com a professora atual da turma, já no 2º ano do Ensino Fundamental, com a intenção de compreender as dificuldades que os alunos obtiveram na volta presencial ao Colégio, e para finalizar, com a diretora do Colégio São João que pôde relatar os maiores desafios e adaptações durante este período. Por fim, optou-se por realizar um subtópico com uma percepção pessoal quanto ao estágio e seu desenvolvimento, utilizando como ferramenta a Análise FOFA, em que é apontada as Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças que marcaram a trajetória.

Em síntese, realizou-se uma breve Conclusão do Estágio e seu desenvolvimento, como as Ciências da Educação contribuem para o Ensino Fundamental e o que foi desafiado durante a pandemia, refletindo sobre o trabalho exercido.

A INSTITUIÇÃO E A
EDUCAÇÃO BÁSICA NO
BRASIL

1.1. Caracterização da Instituição

Em atividade desde 1998, o Colégio São João é uma instituição escolar privada, que oferece todas as dimensões da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio) e procura, através de projetos interdisciplinares e estratégias que envolvam os alunos em seu processo de ensino aprendizagem, desenvolver as habilidades e competências de cada estudante, como estipulado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Possui uma filosofia essencialmente humanista, em que a reflexão das aulas e todos os momentos vividos no espaço escolar esteja presente, com o intuito de socializar conhecimentos, apropriação da cultura e formação de cidadãos conscientes. Além de ser, essencialmente, inserido em um espaço da Mata Atlântica, sendo possível estar mais próximo da natureza e participar de projetos que envolvam a conscientização ambiental entre todos que ali se encontram, corpo docente e discente.

De acordo com o Regimento Escolar do Colégio São João, em seu Capítulo III e Art. 7º, o Ensino Fundamental possui como objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV – o fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Desta forma, um estágio ou um trabalho pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro, correspondente à faixa etária dos 6 anos de idade aos 10 anos, visa o desenvolvimento de habilidades e competências (previstas na Base Nacional Comum Curricular) que serão aprimoradas ao longo da vida escolar do estudante. A alfabetização,

iniciação do sistema ortográfico da língua, acontece neste primeiro ciclo, e ainda assim, não é o maior foco deste momento, já que mais importante do que aprender a ler e a escrever, é manter o desejo da criança pela construção de seu próprio aprendizado. Característica essa, presente na dinâmica escolar do Colégio São João, com base construtivista, considerando-se que existe uma construção do conhecimento e que, os educadores podem estimular essa construção com liberdade, desde que respeitem a Base Nacional Comum Curricular.

No que consiste à coordenação pedagógica, além de avaliar e acompanhar o desenvolvimento do que está previsto no currículo escolar, deve-se prestar assistência aos professores, visando certificar-se de um bom desempenho de seu corpo docente, com foco no processo de ensino e aprendizagem de seus educandos e seu bem-estar emocional. Ademais, em determinadas turmas de sala de aula, a coordenação dispõe um maior auxílio, como as salas de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, visto que, estas faixas etárias requerem maior atenção e maiores cuidados. Isto posto, são turmas que além de possuírem professores de sala, contam também com o apoio de um(a) auxiliar pedagógico para a resolução de um trabalho positivo e qualificado.

O estágio realizado no ano letivo de 2020 ocorreu na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, uma sala de aula heterogênea com quatorze alunos entre seis e sete anos, dentre eles oito meninas e seis meninos. A maioria dos alunos já possuía vínculo, por terem compartilhado aprendizagens e experiências na Educação Infantil, juntos, em outra instituição, o que contribuiu para a formação da turma ocorrer de forma tranquila no início do ano. Durante este trabalho, o Primeiro ano contou com a participação de duas professoras (Iris e Laura), possuindo todo o apoio pedagógico necessário para esta fase escolar introdutória e imprescindível, em que a educação se centraliza tanto no processo de alfabetização quanto no bem-estar dos alunos nesse período de transição para o Ensino Fundamental. Vale salientar que o ano letivo no Brasil se inicia em fevereiro e finaliza em meados de dezembro, tendo o mês de julho como férias escolares, para professores e alunos.

O Colégio São João Ilhabela, além de manifestar uma filosofia humanista, possui uma pedagogia baseada em projetos, isto é, uma metodologia em que os estudantes se envolvem em propostas e desafios para desenvolver um projeto ou um produto. Esta aprendizagem integra diferentes conhecimentos, sendo majoritariamente, multidisciplinar e estimula o desenvolvimento de algumas competências, como trabalho em equipe e protagonismo dos alunos perante o seu processo de ensino e aprendizagem.

Resumidamente, o aprendizado no Colégio São João acontece por meio de motivações dos estudantes, que ao identificar um sentido para buscar informações e

relacioná-las com o seu cotidiano e conhecimentos prévios, permeia pelas áreas do conhecimento previstas no currículo escolar de forma ativa e significativa.

Na Figura 1, apresenta-se numa perspectiva de apresentação para o estudante, como funciona a pedagogia de projetos, centralizando-o em seu próprio aprendizado.

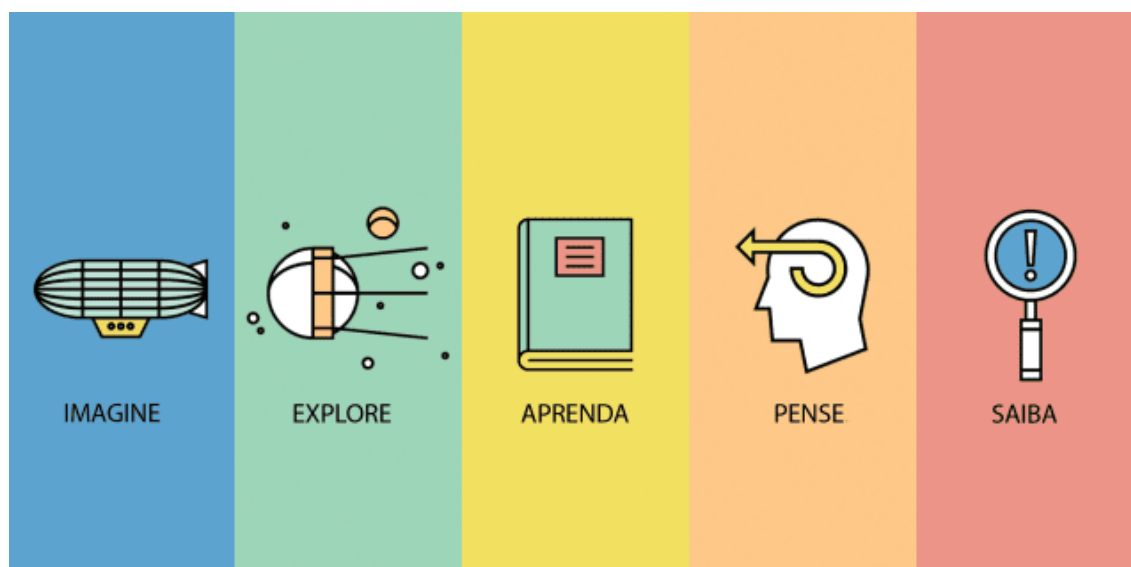


Figura 1: Aprendizagem e Projeto; Fonte: <https://url.gratis/3lhNBx>

A percepção que uma instituição escolar diante desta metodologia é que, através de aulas e vivências pedagógicas, os alunos devem ser estimulados a investigar, buscar informações e associações, criar, formular e refletir sobre sua aprendizagem.

Possuindo uma metodologia pedagógica ampla, no Colégio São João é lecionado desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (equivalente ao Ensino Secundário de Portugal), e acaba por ser essencial dentro de uma sala de aula, já que visa, se aplicada desde cedo, despertar competências como autenticidade, pensamento crítico e trabalho em equipe. Porém, é necessária uma equipe pedagógica que elabore, revise e acompanhe efetivamente essa metodologia. (Toyohata et al., 2010).

1.2. Currículo no contexto escolar brasileiro

O currículo escolar, de uma maneira geral, é uma forma de coordenar e estruturar o ensino, gerando um sistema educacional a ser seguido pelas instituições escolares. Currículo, de acordo com Corazza “(...) é o que dizemos e fazemos... com ele, por ele, nele.

É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado.” (2001, p.14)

De acordo com o Capítulo II, Art.6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a educação é um direito social e, segundo o Art. 22º da mesma, compete à União legislar sobre a base da educação nacional e proporcionar os meios de acesso à educação. Para que este direito seja exercido, se faz necessária a atuação do Estado através de Políticas Públicas. Isto porque, é de obrigação do Estado garantir aos cidadãos que seus direitos sejam exercidos.

O debate sobre a formação do currículo escolar é importante para uma maior reflexão, para que se possa observar o que é formalmente descrito e planejado para os anos iniciais da educação. É necessário refletir em um currículo pautado por práticas que envolvam o respeito, transformando a escola em um ambiente democrático e, considerando a possibilidade de transformação do cidadão.

Levando em consideração que o processo educativo é complexo e fortemente marcado pelas variáveis pedagógicas e sociais, entendemos que esse não pode ser analisado fora de interação dialógica entre escola e vida, considerando o desenvolvimento humano, o conhecimento e a cultura. (Gomes, 2007, p. 6).

Seguindo tal consideração, é necessária então, a percepção de educadores ao prover uma educação baseada em reconhecimento de diversidades, diferenças sociais e culturais. Apoiando uma escola democrática, que possui a intenção de humanizar a aprendizagem através de um currículo pautado nas necessidades e potencialidades do aluno, considerando seu conhecimento e cultura.

No Brasil, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), a Base Nacional Comum Curricular, documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os educandos devem desenvolver durante a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio), se tornou uma exigência colocada ao sistema educacional, com a intenção de orientar as instituições, contando também com o auxílio das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e com o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014). Sua finalidade é orientar as propostas curriculares e pedagógicas, considerando a formação humana e possuindo como fundamento o a à aprendizagem e o desenvolvimento.

A instituição escolar e sua docência devem permanecer com sua autonomia, valorizando a questão individual e particular de seus alunos, provendo de liberdade para preparar o seu próprio currículo, e, a partir de cada área de conhecimento, montar este currículo conforme o que seja considerado necessário utilizar dentro das competências explícitas nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Já a Base Nacional Comum Curricular, garante que todos os alunos e indivíduos da sociedade possuam a mesma qualidade de ensino e direito de aprendizagem. Pois mesmo com a maneira diferente de lidar com as diretrizes a serem seguidas em cada região, em todo o país o currículo será o mesmo. Seguir este documento é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases e do Plano Nacional de Educação, que estabelecem metas e estratégias para a política educacional.

No contexto da estrutura federativa brasileira, na qual convivem sistemas educacionais autônomos, fazem-se necessárias a regulamentação e a institucionalização de um regime de colaboração que efetive o projeto de educação nacional via Sistema Nacional de Educação (SNE). O Plano Nacional de Educação (PNE) determina que o poder público, contados dois anos a partir da publicação da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, deverá instituir, em lei específica, o SNE, entendido como um conjunto unificado que articula todas as dimensões da educação, no intuito de promover a equidade, com qualidade, para toda a população do país. (Brasil, 2016, p.28).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve o regulamento aprovado no congresso em de 07 de abril de 2017, deve ser seguida compulsoriamente em âmbito nacional, e as escolas tiveram até o ano de 2019 para adequarem-se às novas exigências e modalidades. Após este período de adequação, a BNCC passou a ser componente obrigatória para todas as escolas em território brasileiro.

Em síntese, essa organização curricular precisou ser realizada com o surgimento da escolarização em massa, tendo assim, uma padronização do conhecimento a ser ensinado nas instituições escolares, com exigências parecidas em todo território nacional. Porém, é de extrema importância que as instituições compreendam a sua complexidade e adaptem-se à realidade em que estão inseridas de maneira cautelosa, tendo em vista que possuem autonomia para a implementação e sua metodologia.

1.3. Ensino Fundamental e os anos iniciais

A estrutura do sistema educacional brasileiro, a Educação Básica, é formada por três etapas: Educação Infantil (E.I.), Ensino Fundamental (E.F.) e Ensino Médio (E.M.).

O Ensino Fundamental, que tem duração total de 9 anos, é dividido em Ensino Fundamental – Anos Iniciais, que consiste do 1º ao 5º ano do E.F. e Ensino Fundamental – Anos Finais, que consiste do 6º ao 9º ano do E.F. O estágio curricular descrito neste relatório sucedeu-se no 1º ano, ou seja, nos anos iniciais do ensino fundamental brasileiro, momento dedicado a introdução escolar em conceitos e conteúdos que lhes embasarão para toda a educação básica.

No Brasil, o primeiro ciclo do Ensino Fundamental também pode ser chamado de Fundamental 1, e em relação aos conteúdos programáticos, os alunos aprendem o domínio da língua falada e escrita (processo de alfabetização), princípios matemáticos e científicos, noção de espaço e tempo, além de possuir contato com a arte. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, toda criança deve estar plenamente alfabetizada até o fim do 2º ano do Ensino Fundamental. E é a partir do 1º ano, turma que houve proximidade durante o estágio, que é iniciado o processo de alfabetização, tendo como objetivo principal introduzir conteúdos e práticas de letramento, maioritariamente a partir de práticas lúdicas.

Ainda assim, mais importante do que aprender a ler e a escrever, é que durante o primeiro ciclo do Ensino Fundamental a criança consiga desenvolver um desejo próprio pelo aprendizado, conhecimento, confraternização e escola de uma forma generalizada. E a partir desta etapa da vida escolar, os alunos devem ter uma carga anual mínima de 800 horas, dividida em pelo menos 200 dias letivos. Segundo a BNCC, apesar do ingresso ao Ensino Fundamental, nessa etapa deve haver articulação entre as experiências e vivências das crianças e o trabalho pedagógico, em um contexto lúdico de aprendizado.

Deve-se ter em consideração a relação das crianças perante à escola, seu espaço e suas aprendizagens, como agentes de seu próprio saber. Segundo Barbosa (2012) as crianças são atores sociais que, através das interações sociais, produzem culturas. Assimilam, no entanto também interferem no mundo em que vivem e estão inseridos. Para uma criança, o que a torna humana é o tempo, a brincadeira, o presente e muitos outros elementos significativos que o modelo escolar de ensino fundamental se abstém, na medida em que apenas é direcionado para conteúdos de ensino. É preciso, conforme Barbosa, atuar em nossas escolas com crianças, não somente com alunos.

A organização do Ensino Fundamental, respectivamente seu currículo e sua estruturação, atenta-se a idade das crianças para efetuação de matrículas em turmas apropriadas, porém, é importante que o educador compreenda que as transformações não estão ligadas somente à idade biológica, mas também as experiências vivenciadas em cada indivíduo.

Com base em pesquisas e experiências práticas, construiu-se uma representação envolvendo algumas das características das crianças de seis anos que as distinguem das de outras faixas etárias, sobretudo pela imaginação, a curiosidade, o movimento e o desejo de aprender aliados à sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar. Nessa faixa etária a criança já apresenta grandes possibilidades de simbolizar e compreender o mundo, estruturando seu pensamento e fazendo uso de múltiplas linguagens (Ministério da Educação, 2004).

Compreendendo as especificidades de cada um, é ressaltado que as crianças de seis anos, no 1º ano do Ensino Fundamental, apresentam curiosidade em aprender e vontade em se envolver com a sua aprendizagem, buscando o saber a todo instante, principalmente no que diz respeito ao uso das múltiplas linguagens: “[...] gestual, corporal, plástica, oral, escrita, musical e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do brincar” (Ministério da Educação, 2004).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Enquadramento Teórico

Neste capítulo a essência encontra-se em temáticas e conceitos relacionadas a escolarização, a aprendizagem das crianças e algumas das atividades desenvolvidas ao longo do estágio. O enquadramento teórico pretende expor e dialogar com o conhecimento obtido através de análise bibliográfica e com a prática, a fim de compreender a temática em estudo, proporcionando contributo para as questões e indagações que ocorreram ao longo do percurso.

Optou-se por dividir em seis tópicos, com o interesse em, primeiramente, entender alguns dos conceitos que envolvem a prática pedagógica e as relações que permeiam o espaço escolar e por último, compreender os desafios e as percepções durante o período em isolamento social de forma geral, mas principalmente para uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Ademais, foi julgado importante considerar o enquadramento familiar e qual papel as famílias ocuparam e desenvolveram durante o ano letivo e para finalizar, como as práticas pedagógicas foram questionadas, o que sentiu ser mais penalizado e quais reflexões o isolamento levou acerca das teorias da educação.

2.1 Educação, Escolarização e Aprendizagem

Educação provém do latim, *educare*. E significa guiar e instruir, ou seja, preparar os indivíduos para o que terão de enfrentar no mundo e na sociedade. Já o conceito de escolarização, é o ato de escolarizar, o conjunto de conhecimentos adquiridos no espaço escolar. À vista disso, compreende-se a escolarização como um importante papel que a escola possui perante a sociedade, já que cabe totalmente às instituições escolares tal responsabilidade.

O que é oferecido aos alunos, dentro do espaço escolar, é o que se refere à escolarização. E isto vai muito além de conteúdos pré-definidos em currículos e aprendizagens por disciplinas isoladas, é um processo contínuo e paulatino de produção de referências sociais que a escola oferece, além da transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seu sentido. Desta forma, compreende-se a escola, também, com efeito de consequência sob seus alunos, sendo estas consequências sociais e culturais, que ocorrem durante a escolarização, abrangendo questões relacionadas ao letramento, por exemplo.

Acreditar que a escola e o seu espaço são reduzidos à práticas pedagógicas de transmissão de conhecimento, cabendo aos estudantes tornarem-se apenas repetidores, de forma passiva e reprodutora, sem levar em consideração o senso crítico que cada um desenvolve, ocupa-se, aqui, uma parte do pensamento de Albert Einstein, um dos maiores nomes da história da ciência mundial, direcionando-nos à profunda reflexão sobre a natureza do conhecimento e os processos de educação.

[...] por vezes, vemos na escola simplesmente o instrumento para a transmissão de certa quantidade máxima de conhecimento para a geração em crescimento. Mas, isso não é correto. O conhecimento é morto; a escola, no entanto, serve aos vivos. Ela deve desenvolver nos indivíduos jovens as qualidades e as capacidades que são valiosas para o bem-estar da comunidade. (Albert Einstein apud Medeiros & Medeiros, 2006:201)

Já o conceito de aprendizagem, investigado por teorias da Psicologia que dialogam e divergem entre si, ora surge com base no pressuposto de que todo aprendizado ou conhecimento provém da experiência, como a Teoria do Behaviorismo, que reduz o sujeito ao objeto, ora encontra-se uma teoria racionalista, como a Gestalt, que faz o contrário. Por mais diversas que sejam, ambas direcionam à práticas pedagógicas que silenciam o aluno e os submetem à autoridades do saber, como professores e livros.

Neste sentido, ainda no campo da Psicologia, entendendo a aprendizagem sob ótica do aluno, apresenta-se Piaget, Vygostky e Wallon. Por sua vez, para compreender o conceito de aprendizagem e conhecimento, opta-se por Piaget, em sua qualidade de epistemólogo, dedicou a vida à investigação da formação e desenvolvimento do conhecimento, nos apresentando a Epistemologia Genética, definindo-a, em 1977, p.7:

[...] pesquisa essencialmente interdisciplinar que se propõe estudar a significação dos conhecimentos, das estruturas operatórias ou de noções, recorrendo, de uma parte, a sua história e ao seu funcionamento atual em uma ciência determinada (sendo os dados fornecidos por especialistas dessa ciência e sua epistemologia) e, de outra, ao seu aspecto lógico (recorrendo aos lógicos) e enfim à sua forma psico-genética ou às suas relações com as estruturas mentais (esse aspecto dando lugar às pesquisas de psicólogos de profissão, interessados também na Epistemologia).

Concluindo a sua apresentação, “[...] o conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas”. (Piaget, 1976, prefácio).

2.2. Alfabetização e Letramento

Inicialmente, considerou-se importante relatar acerca de dois fundamentos que irão embasar parte do relatório e da prática pedagógica durante o estágio: Alfabetização e Letramento, relativamente às suas diferenças e especificidades. Isto porque, ao sair da Educação Infantil e ingressar no 1º ano da Educação Fundamental, os alunos iniciam o seu processo de alfabetização, que é eventualmente consumado até o próximo ano, ou seja, o final do 2º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com a Organização Futura, canal de TV aberta e instituição brasileira pioneira em comunicação para a transformação social, a alfabetização é um processo de aprendizagem em que o sujeito desenvolve a competência de ler e escrever, enquanto o letramento exerce a função social da leitura e da escrita. Pode-se dizer, ainda, que o sujeito alfabetizado reconhece o sistema de escrita, já o letrado vai além das decodificações da língua e utiliza a leitura e a escrita nos mais variados contextos, compreendendo e organizando discursos e reflexões. “(...) os códigos de leitura e escrita a gente aprende fácil. Mas o letramento é um aprendizado para toda a vida.” (2001, Pellegrini)²

Para transformar o educando em um indivíduo letrado, acredita-se na compreensão de ações participativas do alfabetizando, como sujeito ativo de sua própria aprendizagem. Por esta razão, apresenta-se Paulo Freire, defendendo uma educação em que se pretende integrar a leitura da palavra à leitura do mundo, já que essa precede aquela. “E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.” (Freire, 2017, p.12)

No sentido de aprofundamento aos objetos de estudo, a alfabetização e o letramento, manifesta-se neste trabalho o contributo de Magda Soares, que defende como as

² Retrievem from: <https://novaescola.org.br/conteudo/2601/letramento-de-verdade>

especificidades da alfabetização e do letramento são complexas e indissociáveis, desde o saber ler e escrever, até ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita. Para Soares (2017), letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, condição que adquire um sujeito como consequência de ter-se apropriado da escrita. Deste modo, letramento seria uma consequência do processo de alfabetização.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e de escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento*. (Soares, 2017, p.44).

Com o intuito de refletir sobre o ato pedagógico e a alfabetização, faz-se menção a Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que em sua obra *Psicogênese da Língua Escrita*, abordaram a educação a partir de uma visão piagetiana, em que se acredita que todo conhecimento possui uma origem. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a criança em processo de alfabetização passa por etapas em que ocorre a aquisição da escrita, baseado em cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediário, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Para constatar em qual etapa cada alfabetizando se encontra, faz-se necessário a realização de sondagens, funcionando como diagnósticos. Posteriormente, planeja-se atividades e ações pedagógicas que auxiliem em direção a hipótese final: alfabética.

Para Ferreiro (2011), as crianças têm início em seu processo de aprendizagem e noções de leitura e escrita antes da escola, em seus mais variados contextos, isto porque, a escrita faz parte da paisagem urbana e da vida social existente nela, o que requer continuamente o uso da leitura. “As crianças urbanas de 5 anos geralmente já sabem distinguir entre escrever e desenhar; expostas ao complexo conjunto de representações gráficas presentes no seu meio, são capazes de distinguir. Mais importante é saber que servem para uma atividade específica que é o ato de ler, e que resultam de uma outra atividade também específica que é o ato de escrever.” (Ferreiro, 2011, p.95). Defende, ainda, que a alfabetização não é um estado a qual se chega, mas um processo que possui início anterior à escola e que não finaliza no término da escola primária. Sendo assim, os educadores devem respeitar a singularidade de cada criança, pois a construção do

conhecimento da leitura e da escrita possui uma lógica individual, de cada alfabetizando, embora aberta à interação social, na escola e fora dela.

O que é importante levar em consideração, independente da prática pedagógica, é a função social que a escrita exerce e por que é significativo que a criança compreenda isto, de forma menos complexa, para que este processo de aprendizagem faça mais sentido à sua própria realidade. “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência” (Ferreiro, 2011, p.44). Ao atentar-se no cotidiano da vida adulta, é possível avistar diversos momentos de leitura, produzindo e reproduzindo a escrita nos mais variados contextos, e a criança ao redor interpreta com expressividade, da maneira que compreendem a importância desta aquisição, seja para a comunicação ou informação necessárias.

2.3. Sócio Construtivismo e Sócio Interacionismo

Levando em consideração o pensamento de Vygostky, em seu princípio do sócio construtivismo, acredita-se em uma educação pautada sobre o efeito da interação social, da linguagem e da cultura. Na perspectiva de que o desenvolvimento educacional e pessoal é otimizado pelo aprendizado e que a presença de outro sujeito mais capacitado conduz este processo, o sócio construtivismo situa a educação e a escola em um papel essencial em nossa sociedade, na promoção do desenvolvimento de todos os sujeitos: seus alunos; e os educadores, como observadores, planejadores e desafiadores do progresso dos mesmos. Boiko e Zamberlan (2001, p.1), ao dissertarem acerca da perspectiva sócio construtivista, apontam: “Neste sentido, o papel do professor é caracterizado como o de mediador entre os significados pessoais dos seus alunos e os culturalmente estabelecidos, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento dos mesmos”.

Ainda na perspectiva de Vygostky, acredita-se que as funções psicológicas e pedagógicas se desenvolvem nas práticas e pelas práticas sociais, sendo internalizadas em cada indivíduo através da aprendizagem e da cultura. De acordo com Monroe (2018) Vygotsky considerava o professor figura essencial na educação por representar um elo de conexão entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente.

É evidente que não se adquire conhecimentos apenas com os educadores: na perspectiva da teoria sociocultural

desenvolvida por Vygotsky, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço. (Monroe, 2018)

Sendo assim, as interações sociais são a base para que os sujeitos consigam, de fato, aprender e assimilar seu aprendizado. A construção de seu conhecimento ocorre primeiramente no plano externo e social (com outros indivíduos) para depois ocorrer no plano individual. Ao longo deste processo, o professor é a chave para a estruturação de que e como aprender.

Com respeito ao construtivismo, vale realçar que esta não é uma teoria da instrução, mas sim do conhecimento (Bidarra & Festas, 2005), em virtude de abranger e estar presente em diversas modalidades no campo da educação, sendo heterogêneo e vasto. Apesar de não possuir uma orientação com convicção ou diretividade, salienta-se que o foco principal desta linha pedagógica é centralizar a aprendizagem sob ótica do aluno, tendo papel ativo em seu processo de ensino e aprendizagem. Segundo Bidarra & Festas (2005), o aluno como fator primordial da aprendizagem decorre, de alguma forma, da perspectiva piagetiana, reconhecendo Piaget como um dos pais do construtivismo.

De acordo com as premissas piagetianas, defende-se, pois, a importância do papel ativo do sujeito na construção do seu conhecimento e uma forma de organização do ensino que respeite a participação do aluno na aprendizagem, forma esta que se opõe a outras concepções mais tradicionais, em que o professor assume um papel relevante na transmissão do conhecimento. (Bidarra & Festas, 2005, p.7)

Logo, entende-se o conhecimento e a aprendizagem como um processo em constante construção, possibilitando ao aluno a formulação de hipóteses baseado em suas experiências, vivências e interações com o externo.

2.4. Desenvolvimento Infantil e Cognitivo

Emília Ferreiro, educadora já citada neste capítulo, acredita que a construção do conhecimento possui uma lógica individual e aberta à interação social. Ferreiro possuiu influência do grande cientista suíço Jean Piaget. Em sua teoria, Piaget revolucionou a

educação de crianças ao afirmar que estas devem construir o seu próprio aprendizado. Desta forma, criou um campo de investigação que denominou epistemologia genética – ou seja, surge uma teoria do conhecimento focada no desenvolvimento natural da criança, e é nesta teoria que se inaugura a corrente construtivista.

De acordo com Piaget, para cada aluno alcançar o aprendizado e o amadurecimento, os professores devem respeitar os estágios de desenvolvimento cognitivo infantil.

São eles:

- Estágio sensório-motor (0-2 anos)
- Pré-Operatório (2-7 anos)
- Operatório Concreto (7-11 anos)
- Operatório Formal (12 em diante)

Estágio	Idade aproximada	Capacidades
Sensório-motor	0 a 2 anos	Sentidos e habilidades motoras.
Pré-operatório	2 a 6 anos	Imaginação e memória.
Operatório-concreto	7 a 11 anos	Início do pensamento lógico.
Operatório-formal	11 anos em diante	Pensamento abstrato, raciocínio dedutivo/Planejamento, imaginação.

Tabela 1: Estágios de Desenvolvimento; Fonte: <http://pepsic.bvsalud.org>

Na tabela é possível notar que os alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental encontram-se entre os estágios pré-operatório e operatório-concreto. Segundo Piaget, é durante o estágio pré-operatório que o pensamento da criança começa a ser organizado, por meio da linguagem e dos símbolos. Já o estágio operatório-concreto é caracterizado por uma lógica interna consistente e pela habilidade de solucionar problemas concretos, a linguagem torna-se mais socializada e assim, a criança é capaz de levar em consideração o ponto de vista do outro. Contudo, apesar da socialização da linguagem e do aperfeiçoamento do

pensamento e suas reflexões, durante o período pré-operatório, a criança baseia-se em situações concretas e lógicas, ou seja, para ocorrer a total compreensão, é necessário haver comparação do que é aprendido com o que já é conhecido.

2.5. Enquadramento Familiar

O espaço escolar e o familiar constituem-se em dois contextos de extrema significância para o desenvolvimento integral do sujeito e de sua trajetória de vida. O vínculo entre estes dois espaços pode se tornar uma importante rede social de apoio para todas as crianças em seu percurso escolar/acadêmico. Rego (2003) nos aponta que, a escola e a família compartilham funções políticas, sociais e educacionais, na medida que contribuem e influenciam para a formação do cidadão. Ou seja, ambas são responsáveis pelos conhecimentos, aprendizados e suas construções, que são, inevitavelmente, culturalmente organizados e modificados com base na expectativa de cada ambiente.

Para além de um diálogo constante entre escola e família e seus diversos papéis na educação das crianças, o ano de 2020 estreitou ainda mais este laço, dado que as aulas, por meio de plataformas de vídeo chamadas, ocorreram dentro de suas casas (famílias e professores). E durante boa parte das aulas, sejam síncronas ou assíncronas, foi inevitável não contar com a colaboração de adultos responsáveis do outro lado da tela, em sua maioria, pais e mães das crianças.

Pode-se afirmar que a família e a escola são consideradas duas instituições onde é possível desencadear os processos evolutivos dos sujeitos inseridos em seus contextos: no escolar é visado a instrução do aprendizado e conhecimento, com o foco central no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Já nas famílias, os objetivos se diferenciam e podem se modificar de acordo com o que se busca em determinado momento, como proteção, condições básicas e considerações dos aspectos cognitivos e afetivos. (Dessen & Polonia, 2007)

Vale salientar que tanto a família quanto a escola podem ser ambientes de aprendizagem, desenvolvimento e funcionar de forma propulsora ao conhecimento, e ao contrário disto, é possível que ambas, ou apenas uma delas, seja inibidora deste propósito. Em razão desta afirmativa, é importante que o educador saiba utilizar as experiências da casa dos alunos para coordenar e lidar com as competências imprescindíveis ao letramento, tornando os conhecimentos oriundos de diversos contextos estimulados e significativos.

O progresso e desfecho acompanhados durante o Estágio, pôde verificar que a estrutura familiar possui um forte impacto na permanência do aluno na escola e até mesmo de seu interesse pela educação, e o acompanhamento de pais, mães e/ou responsáveis deu-se pelo reflexo do desempenho dos alunos em aulas, e devolutivas das atividades propostas, sejam elas síncronas ou assíncronas.

Entre os quatorze alunos presentes, houve pouca falta e na maioria delas existiu justificativa. Ademais, os responsáveis pelas crianças mantiveram o diálogo com escola e professoras, entregando devolutivas das aulas, atividades e desenvolvimento dos educandos em casa.

2.6. Educação escolar em contexto de pandemia

Em meados de março de 2020 as escolas ao redor do mundo tiveram de se adaptar a uma nova realidade, devido a pandemia causada pelo COVID-19 e as orientações políticas de isolamento social, como uma das medidas para conter o vírus. No Brasil, especificamente no Estado de São Paulo, as escolas estiveram fechadas até novembro. Dito isto, a educação e seus espaços de aprendizagem vivenciaram mudanças em suas dinâmicas e algumas alternativas foram adotadas com o intuito de reduzir o prejuízo educacional e constitucionalmente, garantir a preservação do direito à educação.

Para além no cenário brasileiro, é importante salientar que a situação iniciada desde o contágio mundial em massa pelo vírus, ainda que se trate de uma questão de saúde pública e suas organizações, afetou cenários gerais em diversos campos, como o educacional. Diante do crescimento de casos, ao final de março esse cenário já afetava metade dos alunos do mundo, de acordo com a UNESCO. Com isso, além da aprendizagem interrompida, diversas crianças ao redor do mundo tiveram de enfrentar a má nutrição e a maior exposição à violência, já que a escola exerce um importante papel na rede de proteção de crianças e adolescentes.

Em um contexto socialmente privilegiado, como é o caso dos alunos do Colégio São João, não foram encontradas grandes dificuldades, além de técnicas e de adaptações. Todos os alunos tem acesso à internet, à computadores e possuíram disponibilidade por parte das famílias para manter a participação nas aulas. Porém, não deve deixar de ser registrado que esta não é a realidade presente em todo o Brasil, e por esta razão, professores de todo o país tiveram muito trabalho para tentar, ao máximo e sempre que possível, evitar intensificar

ainda mais o acirramento das desigualdades de acesso a oportunidades e direitos básicos da criança.

Ao redor do mundo, medidas e estratégias foram estudadas e implementadas. Vale destacar que, a escola pela utilização das tecnologias não resulta no conceito de Educação à Distância (EAD), que tem sua base e estruturação já estabelecidas. O que aconteceu foi, de fato, adaptações rápidas e medidas emergenciais com o intuito de tentar reduzir o impacto do ensino remoto na qualidade da educação oferecida.

No Brasil, cada Estado se organizou de uma forma para atender as suas demandas e realidades, visto que não foi apresentada uma política nacional de enfrentamento por parte do Governo Federal. No que diz respeito à educação pública, o Estado de São Paulo optou pela oferta da educação não presencial, com suporte via televisão, pelo canal TV Educação. Para tal concretização, foram preparadas aulas para diversas idades e contextos em horários alternados, levando em consideração conteúdos curriculares de acordo com cada etapa da educação básica.

O apoio fornecido por parte do Governo Federal surgiu através do Ministério da Educação (MEC), que, com a aprovação do Conselho Nacional da Educação (CNE), homologou um conjunto de diretrizes para orientar instituições de ensino da educação básica sobre práticas que deveriam ser adotadas durante o período de isolamento social devido à pandemia. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a recomendação é de que as propostas devem ser as mais práticas e estruturadas possíveis, não exigindo que os responsáveis substituam o professor e seu trabalho. O documento declara, também, que é de responsabilidade das instituições reorganizar os calendários escolares e remanejar propostas de atividades para substituir as aulas presenciais. Como conteúdos digitais através de vídeoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão, etc.

Seja em escala estadual, nacional ou até mesmo internacional, a verdade é que a educação, de uma forma geral, enfrentou dificuldades, fragilidades e inúmeros desafios, apesar de todos os esforços adotados por diferentes instituições. O que levou, durante este período, algumas reflexões acerca do espaço escolar, de como ocorre a aprendizagem, das relações que nascem neste espaço e da importância da educação presencial.

O que pôde ser constatado, ao longo deste período em isolamento social, é a falta que a interação provoca entre as crianças, não apenas no que diz respeito à socialização e seus efeitos de forma coletiva, mas também à diversidade cultural que a escola proporciona diretamente a cada um de seus alunos. Acredita-se como fundamental que o sujeito esteja inserido em um espaço com uma gama vasta em diversidade cultural para que aconteçam

mudanças em seu desenvolvimento. Por esta razão, Vygotsky afirma que o homem se constrói em suas relações sociais, já que é na vivência em sociedade que acontece a transformação do ser biológico para o ser humano, acreditando que o desenvolvimento histórico acontece do social para o individual.

Levando em consideração os pensamentos de Vygotsky e refletindo acerca das relações interpessoais que ocorrem no espaço escolar, é importante salientar que a escola é um espaço de forte potência no desenvolvimento e na educação de seus alunos, sendo um sistema de relações sociais. E através desta reflexão e desta lógica no sistema educacional, percebe-se, explica Damião, Rocha & Nascimento (2020, p.127) que as funções psíquicas superiores não podem ser alcançadas unicamente por maturação, o que requer orientação ao longo do processo educativo, atuando sobre o que ainda não está formado concretamente na criança, auxiliando as suas etapas de desenvolvimento.

Baseando-se no que acontece na escola e do papel do professor diante do processo de cada aluno, a pandemia e conseqüentemente o isolamento social, proporcionaram uma grande penalização para a educação e as relações que a permeiam. Destaca-se, ainda, que a presença física do professor pode incentivar ainda mais os seus alunos, já que muitas vezes a aprendizagem ocorre por meio da imitação da criança perante o adulto, como uma forma de confiança um sobre o outro.

Para tanto, um Colégio que media suas aprendizagens e relações por meio do sócio interacionismo e sócio construtivismo, passou por complexidades ao transportar as suas relações para as telas, porém, a ponderação final é a de que jamais se imaginou ter tanta proximidade com alunos e famílias, mesmo estando distantes fisicamente. Por isto, a todo instante buscou-se, acima de qualquer aprendizagem, manter a boa relação entre todos, equilibrando o bem estar dos envolvidos (alunos, professores e famílias) com os ganhos através dos estudos.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Descrição e análise das atividades

Neste Capítulo, Descrição e análise das atividades, será exposto de forma breve o que foi trabalhado durante o Estágio e seu percurso e após, apresenta-se uma apreciação sobre a tarefa como educadora e estagiária/mestranda durante o ano letivo de 2020, no 1º ano do E.F.

Na educação brasileira, existem alguns fatores que podem avaliar o professor e o seu trabalho, em conformidade com a turma que se encontra e suas complexidades. Como já referido, o 1º ano E.F. é uma fase de transição dos alunos, da Educação Infantil, crianças entre 0 e 5 anos, para o Ensino Fundamental, crianças entre 6 e 15 anos. Nesta fase, o essencial é que os alunos se preparem para este novo ciclo, desenvolvendo mais autonomia, noções de leitura e escrita que lhes auxiliem durante toda a educação básica.

Devido ao isolamento social e suspensão das aulas presenciais, a metodologia centrada no aluno - a qual esta instituição esteve ao longo de seus vinte anos efetuando - tornou-se um desafio, uma vez que a escola como espaço físico e docente, foi transferida para o meio virtual. O maior obstáculo foi, sem dúvida, promover atividades e situações de aprendizagens sem deixar de engajar os alunos, o que torna o percurso mais significativo.

A educação, no ano de 2020, encontrou-se em um momento de reinvenção a todo instante. Como compromisso social perante a sua comunidade e aqueles que acreditam na escola, é essencial que seja garantida condição de aprendizagem até mesmo em contextos de incertezas. E a posição em que o educador/alfabetizador se encontra é a de análise crítica sobre as contribuições, riscos e mudanças na postura educacional advindas da cultura digital.

A postura pedagógica converge com as ideias de Paulo Freire (1996), baseando-se em uma educação dialógica e participativa. Nesta ótica “ensinar significa criar situações para despertar a curiosidade do aluno e lhe permitir pensar o concreto (...) superando a ideia de que ensinar é sinônimo de transferir conhecimento.” (Bacich & Moran, 2018, p.18).

A intervenção neste Estágio Curricular, ocorreu majoritariamente de forma remota, podendo referir aqui ao ensino híbrido, ou seja, um modelo educacional que mescla estratégias digitais e *on-line* com estratégias *off-line*. É considerada uma metodologia ativa, isto é, transforma o papel do professor como mediador dos conhecimentos e o aluno como protagonista da sua aprendizagem.

Apesar da dificuldade em centrar alunos de 6 e 7 anos em seu processo de ensino aprendizagem de forma remota, as professoras de sala do 1º ano, Iris e Laura, buscaram o engajamento das famílias, acolhendo-as e aconselhando-as, e de forma afetiva foi possível caminhar junto aos alunos para mais perto de sua jornada pedagógica, tornando a aprendizagem mais prazerosa e significativa.

As aulas e conteúdos foram estruturados de forma a respeitar o espaço e tempo de cada rotina, como apresentado à frente na descrição do Projeto de Intervenção. Aqui, buscou-se a todo momento, exercer as competências socioemocionais, previstas na BNCC e tão importantes para o vínculo entre professor-aluno, o que transformou a aula virtual em um espaço de acolhimento e trocas.

3.1. O Estágio

A intervenção, como professora e estagiária do 1º ano do ensino fundamental, ocorre pela interação professor-aluno e aluno-aluno. Através de envolvimento, afetividade e confiança a aquisição do conhecimento ocorre de forma orgânica e significativa. O principal anseio das famílias e responsáveis por esta faixa etária é a saída da educação infantil para o ensino fundamental e o processo de alfabetização. Palavra esta que pressupõe o seu significado: ato de alfabetizar, isto é, aprender a ler e a escrever. Porém, é previsto na BNCC que a alfabetização deve ser finalizada até o final do 2º ano do Ensino Fundamental, ou seja, na turma mencionada aqui, do 1º ano, foi iniciado este processo, sem negligenciar o seguimento que iria ocorrer no ano letivo seguinte.

Como já mencionado anteriormente, o estágio ocorreu em uma turma com quatorze alunos entre seis e sete anos, e apesar de a maior parte ter o seu primeiro contato com o Colégio São João no 1º ano, já possuíam uma conexão por compartilharem a Educação Infantil juntos, em outra instituição. Por consequência, não se verificou dificuldades de convivência e logo a turma já estava formada e preparada para este novo ciclo de aprendizado, em que ocorrem mudanças significativas na rotina escolar dos alunos.

E para que este período significativo no percurso do estudante ocorra de forma tranquila para as crianças, o acolhimento de suas famílias é de extrema relevância, assim como o diálogo entre educadores, escola e família, com o intuito de não gerar grandes expectativas ou anseios em cima dos alunos, o que pode causar, conseqüentemente, pequenas frustrações.

Devido à algumas medidas políticas para a tentativa de deter o vírus causado pela COVID-19, optou-se por suspender as aulas presenciais no Brasil a partir de março de 2020. Portanto, para descrever da melhor forma o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo de 2020, optou-se por descrever brevemente como seria realizado o trabalho no formato presencial, o que era esperado desta turma (escola, professores e alunos), principais metodologias e ações pedagógicas. E, em contrapartida, como ocorreu, em regime *online*, em detrimento aos protocolos de segurança da COVID-19.

O que houve, em meados de março, foi um planejamento estratégico em situação emergencial, exigindo medidas que impulsionem ao encontro de respostas eficazes para atender a demanda da turma. A vertente para o planejamento desta intervenção, levando em consideração a faixa etária dos alunos e os objetivos de aprendizagem, apoiou-se, fundamentalmente, nas tecnologias digitais e no ensino remoto.

3.2. Regime presencial

As práticas presenciais ocorrem normalmente de segunda à sexta-feira, com o horário entre 13h30 e 17h30. Dentre este horário, é previsto que as professoras de sala atendam todas as demandas relacionadas aos conteúdos e competências da BNCC, como: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia e Arte. O que diz respeito à Educação Física, Musicalização e Língua Inglesa, possui professores especializados que dinamizarão aulas de 45 minutos, uma vez por semana.

Por trabalhar através de uma Pedagogia de Projetos, o Colégio São João elege um tema anual no início de seu ano letivo, e todas as turmas, desde a Educação Infantil (E.I) até o Ensino Médio (E.M) formam a sua jornada pedagógica com base neste tema central. As disciplinas, conteúdos programáticos e calendário escolar, ficam a cargo dos professores responsáveis por cada turma para organizar e empenhar-se para caminharmos a uma aprendizagem significativa, plural e interdisciplinar, utilizando o construtivismo e sócio interacionismo a favor de suas práticas.

Mais precisamente no 1º ano E.F, o sócio interacionismo ocorre por meio dos trabalhos e experiências em duplas ou trios, que são organizados previamente pelas professoras de acordo com as hipóteses de escrita de cada aluno. Neste primeiro momento em que as crianças começam a refletir sobre o sistema de escrita, é interessante organizá-las em agrupamentos que sejam produtivos, para que aprendam na interação com outros colegas.

Para isto, é necessário que ocorra o diagnóstico da turma e a sondagem individual, explicada a seguir.

3.3. Regime on-line

O regime *on-line* não era previsto até então, e foi uma alternativa emergencial para a situação que a educação se encontrava neste período. Inicialmente o planejamento ocorreu de forma a respeitar o espaço das famílias e a nova realidade em que o mundo tinha de enfrentar, dentro de suas casas. Por esta razão, optou-se por metodologias que direcionassem a aprendizagem para um caminho mais lúdico e prazeroso.

Inicialmente, como os estudantes ainda não estavam totalmente familiarizados com o processo de leitura e escrita, as aulas ocorriam majoritariamente de forma assíncrona, por meio de vídeos feitos pelas professoras com leituras de histórias, músicas e desafios a serem realizados em casa, com intencionalidade na direção da alfabetização. Esta prática foi essencial para manter o vínculo criado em pouco tempo de aula, e aproximar mais as professoras de seus alunos por meio da ludicidade dos vídeos.

Após o acolhimento e a ambientação dos alunos, o planejamento visou mais objetividade e um caminho com soluções viáveis para alcançar o propósito delineado para esta faixa etária na educação.

Visto isso, dividiu-se a turma em dois grupos (7 alunos em cada) e organizou-se encontros virtuais, via *Google Meet*, diariamente e com 3 aulas com duração de 45 minutos, contemplando práticas de leitura, escrita e matemática. Ao longo destes encontros, além de promover atividades pedagógicas, houve a tentativa de aproximar a realidade do ensino virtual ao presencial, ocorrendo mais interação entre os alunos e professores, onde foi possível perceber uma aquietação da ansiedade dos alunos, visível durante o período de isolamento. Isto foi possível ser visualizado através de dinâmicas que envolvessem as crianças nas aulas e conseqüentemente em sua aprendizagem, utilizando ferramentas lúdicas, como jogos e brincadeiras para manter as aulas mais leves.

3.4. Ensino híbrido

O ensino híbrido ocorreu de fato no início do mês de novembro de 2020, quando enfim os alunos puderam retornar presencialmente para as escolas, porém de forma gradual, duas vezes por semana, com atividades direcionadas ao lúdico e bem-estar dos alunos. Além disso, as famílias puderam optar se as crianças iriam para a escola, então não contamos com a presença dos quatorze alunos em sala de aula.

O que ocorreu foi uma divisão de grupos, onde uma parte permaneceu integralmente *on-line* e outra mesclou atividades presenciais e digitais. A prática, inicialmente, foi conturbada por exigir dos alunos e dos profissionais da educação uma nova adaptação ao espaço escolar. Agora com máscaras, distanciamentos, sem divisões de materiais (...) e diversos protocolos de segurança devido ao COVID-19 e suas consequências.

Ademais, houve pequenas implicações no ensino e maiores desafios para conquistar a conciliação da prática *on-line* e da prática presencial, visto que se refere a mesma turma, porém em espaços distintos de aprendizagem. O ambiente escolar é considerado privilegiado no que diz respeito ao desenvolvimento do educando, sua socialização e convívio com o grupo, o que direciona à formação da sociedade. Já na sala de aula virtual, o limite é mais curto e as possibilidades do educador são efêmeras, com menos conflitos entre alunos – o que é considerado de extrema importância para a reflexão – e uma menor interação com o concreto, àquilo que possui existência real e não abstrata, e ponto de partida para a aprendizagem das crianças. Porém, foi possível reverter essa distância entre educador e educando, mesmo se forma remota. Isso devido à aproximação que as professoras de sala se propuseram a ter com as famílias, favorecendo uma relação mais intimista, com maior vínculo emocional entre ambos os lados.

3.5. Diagnóstico da turma

O diagnóstico da turma pode ser realizado de diversas maneiras, visto que, no Colégio São João, o 1º ano não conta com provas ou exames valendo uma nota final. Cabe aos profissionais da escola avaliarem cotidianamente e atentamente o percurso de todos os alunos, referente a oralidade e seu desenvolvimento, linguagem, pensamentos matemáticos,

convivência social, e assim por diante. Referentemente às escritas de cada aluno e seu percurso, é realizado um diagnóstico mais formal, porém simples, através da sondagem, atividade que pode apresentar as hipóteses de escrita de cada aluno, e é feita uma vez por bimestre para avaliar o desenvolvimento da alfabetização no processo de ensino e aprendizagem. Esta atividade consiste em uma produção, totalmente espontânea, de uma lista de palavras pré-determinada pelo professor, em que o aluno não possui o apoio de nenhuma fonte ou intervenção. É importante manter um ambiente tranquilo e agradável, em que a criança se sinta segura para a realização, e independente da dificuldade da escrita, o desafio colabora com a reflexão sobre este sistema e é importante para identificar, além da hipótese, como cada aluno pensa durante a construção da escrita.

A partir da sondagem é possível identificar a hipótese de escrita de cada criança, e com base nesta informação planeja-se atividades e momentos expressivos para cada um. Conforme Emília Ferreiro nos aponta em seu livro “A Psicogênese da Língua Escrita”, as hipóteses de escrita são:

- Pré-silábica: não relaciona as letras com os sons da língua falada;
- Silábica: interpreta a letra a seu modo, atribuindo valor de sílaba a cada uma;
- Silábico-alfabética: mescla a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;
- Alfabética: relaciona e domina o valor das letras e sílabas.

Segundo a autora, a construção do conhecimento entre leitura e escrita possui uma lógica individual, porém aberta a interação social, na escola e fora dela. Durante o processo de alfabetização, a criança pode passar por estas etapas, com avanços e recuos e deve-se, acima de tudo, respeitar a evolução de cada criança e o seu tempo, compreendendo que o princípio de que o processo de conhecimento por parte da criança deve ser gradual.

Apresenta-se, em *Anexo I* um modelo de sondagem realizada no ano letivo de 2020. A primeira, no início do ano, em fevereiro (em regime presencial) e a segunda, em novembro (em regime *online*). Em ambas, as palavras ditas foram as mesmas – Tartaruga, Cavalo, Gato e Boi – seguidas da frase: O cavalo é rápido.

Nas sondagens realizadas é visível a evolução desta criança, que inicialmente encaixava-se na fase pré-silábica, não havendo conexão entre letras e sons reais da palavra, e quase ao fim do ano letivo pudemos averiguar a sua entrada para a hipótese alfabética, compreendendo o sistema de escrita de forma mais clara, e entendendo que cada letra (caractere) da palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba.

A sondagem, além de tudo, é essencial para que o professor consiga organizar grupos ou duplas produtivas para a aprendizagem, de maneira intencional e criteriosa. Por exemplo, formar duplas de um aluno silábico com valor sonoro e um aluno silábico alfabético, pode gerar benefício ao constatar mediante leituras e escritas coletivas, que para se escrever uma sílaba, é necessário mais de uma letra. Uma vez que estes agrupamentos sejam bem planejados e supervisionados, eles se tornam intervenções significativas para que os alunos possam avançar em suas hipóteses de escrita.

3.6. Intervenção

A intervenção deste Estágio Curricular inicialmente ocorreu através do regime presencial, no início de fevereiro até meados de março, quando iniciou o isolamento social no país. Devido ao fator emergencial pela pandemia do COVID-19, a educação estruturou-se de fato no início do mês de abril, em que foi possível dar mais respostas e apoio às famílias perante a situação vivida.

Conforme já mencionado, no primeiro semestre optou-se por um encontro virtual de uma hora por dia, e mais aulas assíncronas, através de vídeos. Depois de familiarizados com a realidade inserida, as aulas decorreram mais parecidas com o presencial, da forma que o planejamento previu.

Utilizou-se a ludicidade para cativar os alunos, a fim de tornar seu decurso escolar mais agradável, obtendo seu conhecimento de forma natural e orgânica, ou seja, mantendo a espontaneidade das crianças. Em muitos momentos, por exemplo, foi combinado um lanche coletivo virtual entre todos da sala, apenas para conversar e sem cobrança pedagógica, onde todos permaneceram à vontade. Outra atividade que envolveu aos alunos do 1º ano E.F. foi o Elefantinho Colorido (*Anexo II*), que consistiu em ler algumas cores e buscar, em pouco tempo, algum objeto em sua casa em conformidade com esta cor.

O que podemos constatar é que, uma atividade simples e divertida como essa, envolveram a leitura da palavra, a busca pelo objeto dentro de suas realidades e a vontade em participar das propostas. Por meio desta mescla de atividades, ora dirigidas para a leitura e escrita convencional, ora buscando o desejo dos alunos e envolvimento, é positivo também para a formação e fortalecimento do grupo.

Os projetos, seguindo esta via do aluno como centro, buscam o interesse dos educandos para o percurso pedagógico anual. Assim sendo, foram mediadas as aulas,

conteúdos e reflexões com os alunos. No início do segundo semestre, começamos o trabalho pedagógico com o tema “5 sentidos”, onde foi possível constatar os conhecimentos prévios das crianças, inserir pesquisas para serem realizadas em casa e resultando em um expressivo envolvimento de todos os alunos. O ponto de partida para este projeto foi um desenho ditado com vendas, onde os alunos, todos vendados, realizaram desenhos de acordo com os comandos das professoras, onde é possível visualizar em *Anexo III*.

Este projeto durou cerca de quatro semanas, finalizando com uma pesquisa acerca de animais e seus respectivos sentidos (*Anexo IV*), e todos os alunos puderam apresentar as suas descobertas em aula *on-line*. A atividade da pesquisa, além de se tornar um elemento positivo de construção de conhecimento, por aguçar a curiosidade do aluno, também apresenta a possibilidade de descobertas e compreensões, o que muitas vezes não ocorre no ensino baseado na reprodução. Ademais, o fechamento com a apresentação individual envolveu a oralidade, idealização e organização do pensamento.

Após concluir o tema 5 sentidos, e enquanto ele ocorria, notou-se uma maior ansiedade vinda por parte dos alunos e até mesmo de suas famílias. Já entrávamos no sétimo mês do ensino totalmente remoto, muitas angústias e até mesmo saudade do espaço escolar foram ganhando cada vez mais força.

Em função desta inquietude por parte das crianças, optou-se por realizar um trabalho, no segundo semestre, focado na saúde emocional e bem-estar dos alunos, porém de forma envolvente e divertida. Foi então que adotamos o livro “Tenho Monstros na Barriga”, de Tônia Casarin, e a partir disto criou-se um trabalho direcionado à inteligência emocional dos alunos, com histórias, diálogos e ilustrações. Neste livro é contada a história de Marcelo, um menino que sente “coisas” estranhas na barriga e não sabe ao certo o que significa. Ao descobrir que são diversos sentimentos, Marcelo os chama de “monstrinhos”, e no decorrer da história podemos conhecer oito monstros diferentes: alegria, tristeza, raiva, medo, curiosidade, coragem, orgulho e ciúmes. O livro, além de apresentar os sentimentos presentes na vida do Marcelo, pode ser utilizado de forma interativa e todos os alunos puderam compartilhar seus “monstrinhos”, quando surgem e como se manifestam em nosso corpo.

Este pequeno projeto teve o intuito de compreender a maneira como as crianças lidam e interpretam os seus sentimentos, podendo nos auxiliar e direcionar as práticas de maneira mais leve, porém significativas. Aprender a lidar com diferentes emoções é extremamente relevante para a formação do sujeito, e ademais, essencial para que as crianças obtenham maiores oportunidades de êxito pessoal, social e educacional. E é com vista nisso

que se encontra a Educação Socioemocional, direcionando-nos a práticas pedagógicas que possam favorecer o desenvolvimento de habilidades desafiadoras para que seja possível gerir melhor suas emoções e pensamentos.

É possível visualizar, no *Anexo V*, um dos “monstrinhos” que surgem ao longo da história, o ciúme. Nas atividades propostas relacionadas aos sentimentos, as crianças deveriam escrever e finalizar com uma ilustração:

- Meu monstrinho do ciúme aparece quando;
- Lembro que um momento que senti ciúme foi quando;
- Como ficam meu rosto e meu corpo quando sinto ciúme?
- Eu sei que alguém está sentindo ciúme quando.
- Como é o seu monstrinho do ciúme.

Em alguns momentos, durante o início alfabetização, realiza-se as atividades com escrita espontânea, isto é, a escrita conforme a construção do pensamento da criança. A partir disto, propõe-se mais atividades desafiadoras para os alunos terem diversas oportunidades do uso da escrita. Na atividade desta aluna, no *Anexo V*, a escrita espontânea foi utilizada e podemos constatar que encontra-se em transição entre as hipótese silábica para silábica-alfabética. Suas respostas foram: quando não brincam comigo; quando não brincam comigo no recreio; minha sobrancelha fica para cima e a boca para baixo e sobrancelha para baixo.

3.7. Análise da prática

A base para análise inclui, para além das notas e documentos pessoais realizados ao longo do percurso, análises de dados referentes às hipóteses de escrita em que as crianças se encontram, pela frequência que obtiveram durante o ano letivo, e finaliza-se com entrevistas com duas famílias (*Apêndice I*), outra com a professora atual da turma, que agora está no 2º ano do Ensino Fundamental (*Apêndice II*) e por último, uma entrevista com a direção/coordenação do Colégio São João (*Apêndice III*).

Não é considerado essencial que no 1º ano do Ensino Fundamental os alunos finalizem o ano alfabetizados, devido a ser o início deste vasto e complexo processo. Aqui, inicia-se o percurso de uma educação mais convencional e a introdução de práticas que favoreçam a alfabetização. Apesar disto, é um ano escolar de extrema importância, onde é possível impulsionar os alunos na leitura e na escrita, e já constatar possíveis dificuldades

de aprendizagem. Isto, de forma remota, é ainda mais desafiador, todavia foi realizável e concebido.

Finalizou-se o ano letivo de 2020 com os mesmos 14 (quatorze) alunos e, dentre eles, 9 (nove) estavam alfabetizados. Sendo que, no início do ano, apenas 1 (um) aluno encontrava-se nesta hipótese. É possível notar que houve avanço entre as hipóteses de escrita (Pré-Silábico; Silábico; Silábico-Alfabético e Alfabético), na maioria das crianças da turma.

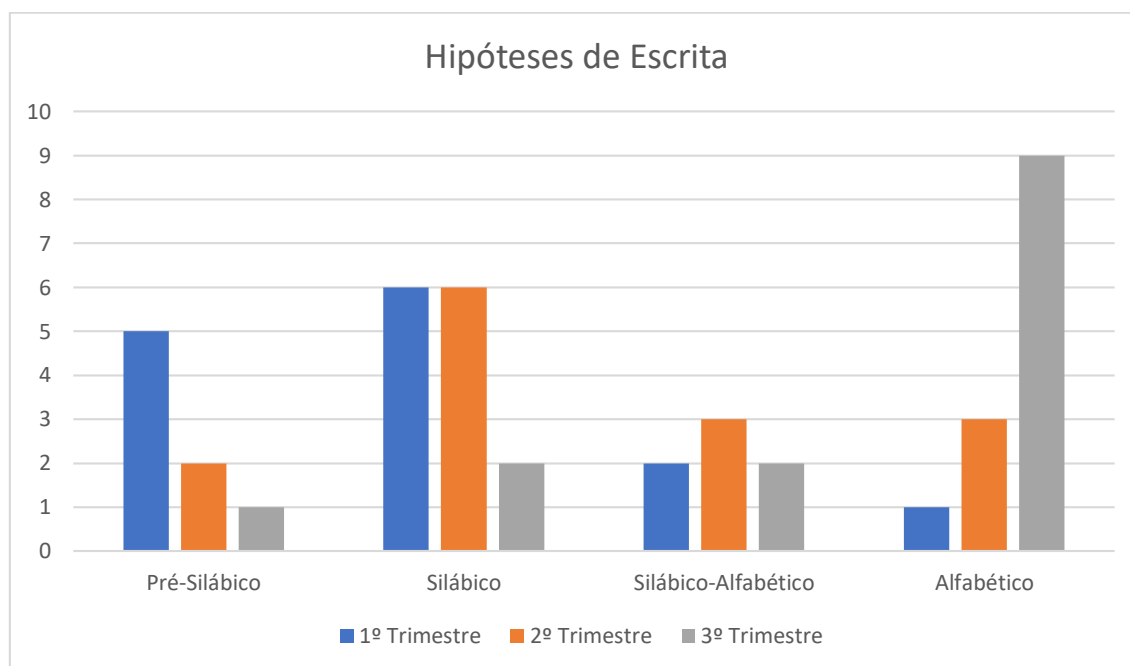


Figura 2: Hipóteses de Escrita

Importante salientar que o aluno que permaneceu na hipótese Pré-Silábica, não participou de nossas propostas síncronas ou assíncronas, por desconforto pessoal e familiar. Houve busca por meio de reuniões individuais, mensagens e ligações, porém sem êxito.

A frequência dos alunos nos encontros virtuais também é considerada uma boa maneira de avaliar o trabalho, visto que além de não ser obrigatório, as professoras a todo momento se dispuseram a propor alternativas para àqueles que não conseguiam participar ativamente todos os dias. Entretanto, os dados são positivos quando notamos que em todas as propostas síncronas, obtivemos a metade (para mais) dos alunos da turma.

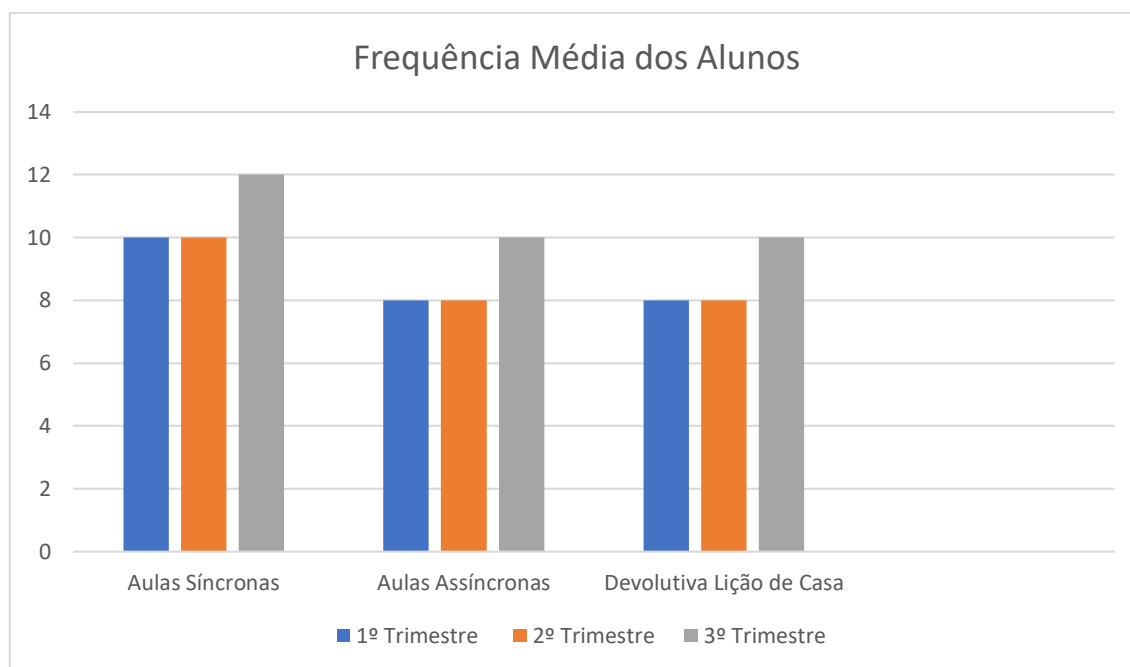


Figura 3: Frequência nas aulas

Para tanto, também foi analisada a devolutiva em relação as propostas de lições de casa e as participações em aulas assíncronas, o que auxiliam exponencialmente na sequência didática e no conhecimento adquirido pelos alunos.

Um último elemento, porém, não menos importante, que auxiliou na avaliação do trabalho, foram as entrevistas. A primeira delas com duas famílias, onde puderam relatar os pontos fracos, fortes e suas maiores dificuldades ao longo do ano de isolamento social. Também se realizou com a professora atual da turma, que se encontra agora no 2º ano, em que foi possível compreender as maiores dificuldades que os alunos obtiveram ao retornar para o ensino presencial e, por último, com a diretora do Colégio, que relatou os desafios e adaptações necessárias para encarar o ensino remoto.

Relativamente às quatro entrevistas realizadas para finalizar a análise quanto ao estágio e sua prática, estão consentidas pelos entrevistados, a serem publicadas e exploradas para uma breve reflexão do percurso, suas práticas e complexidades.

Considerou-se pertinente, além de apresentar as entrevistas, dissertar de forma breve a respeito de seus resultados finais e percepções por parte de alguns dos envolvidos durante o ano letivo de 2020. Importante ressaltar que com o intuito de manter o anonimato e privacidade dos entrevistados e alunos, optou-se por identificá-los como entrevistado 1, entrevistado 2, criança 1, criança 2, entrevistado 3 e entrevistado 4.

Relativamente às duas famílias (entrevistado 1 e entrevistado 2), foi possível notar que a satisfação perante o trabalho pedagógico foi positiva, apesar de terem encontrado

falhas durante o percurso. Ambas as mães relataram sentir falta do convívio com outras crianças e professores para o desenvolvimento de seus filhos e apesar disto, sentiram-se acolhidas pela instituição para auxiliar na aprendizagem das crianças, apesar de evidenciarem a importância do professor diante deste processo e de como a escola é um local privilegiado, além de insubstituível.

Buscou-se compreender, pela óptica das famílias e das crianças, o que foi mais pertinente e envolvente durante as práticas pedagógicas. E consoante às duas entrevistas, foi possível notar que o que envolveu jogos e ludicidade atraiu mais as crianças de forma positiva.

“E durante as aulas ela tinha loucura quando tinha jogos de forca ou bingo, ela adorava esses momentos. E acho que foi adequado porque ela foi alfabetizada com 1 hora e meia de aula por dia, o que eu acho fantástico. [...] A forca principalmente, ela começou a reproduzir em casa o tempo todo. Até no banho virou uma brincadeira para gente e ela foi ficando apaixonada por essa questão das letras, que todos os momentos ela usava esse tipo de brincadeira” (Entrevistado 2).

Foi evidenciado, em ambas entrevistas, que o estímulo através da ludicidade auxilia no desenvolvimento da aprendizagem, já que, segundo Fantacholi (2017) através dos jogos e das brincadeiras existem inesgotáveis fontes de interação afetiva, atraindo os alunos para o conhecimento e sendo um excelente veículo de aprendizagem experiencial, vivenciando a aprendizagem como processo social.

No que diz respeito à professora atual da turma (Entrevistado 3), que os recebeu no início do ano letivo de 2021, em fevereiro, relatou que a maior dificuldade diante desta turma foi estabelecer um vínculo como grupo, respeitando as relações que o transpõe. E mais uma vez, é notável como o isolamento social afetou mais do que o aprendizado, mas as formas de se relacionar diante do outro. Para tanto, é importante compreender a escola como espaço de diálogos e de atuação em comunidade/coletivo, atuando como importante agente na construção de cidadãos críticos, responsáveis e empáticos.

De acordo com Entrevistado 3, a dificuldade inicial encontrada na turma foi a falta de uma ou outra criança perceber-se em grupo, o que afetou a questão do convívio social. Para a professora, o isolamento ocasionou em mais problemas nas relações sociais entre as crianças, do que na própria questão de aprendizagem. Isso, diz ela, as crianças estão prontas para receber e ressignificar em outras formas de aprendizado.

Por último, na entrevista com a diretora do Colégio São João (Entrevistado 4), também houve relatos da falta que o convívio social apresentou na vida dos alunos, principalmente em relação ao interesse das crianças em sua aprendizagem. Segundo a diretora, com os alunos menores é ainda mais difícil trabalhar sem muita troca social, percebendo a interação, entre crianças-crianças e crianças-adultos, fundamental na construção das aprendizagens significativas. Sendo, os contatos sociais e a interação condições indispensáveis à associação e relação humana.

3.8. Percepção Pessoal

Como mestrande, estagiária e professora, optou-se por realizar uma análise pessoal, com considerações relativamente a pontos de vista próprios do percurso do Estágio e seu desenvolvimento, para além das reflexões de caráter acadêmico.

A realização do Estágio em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, maioritariamente do tempo de forma remota, passou por inúmeros desafios em que tivemos que traçar estratégias emergenciais, porém com objetivos já delimitados para a faixa etária, direcionando à realização de práticas pedagógicas positivas e significativas para as crianças em processo de ensino e aprendizagem.

Para tal, considerou-se pertinente utilizar o instrumento de análise de matriz FOFA, em inglês SWOT, em que são apresentados: forças, oportunidades, fraquezas e ameaças. Consiste em um procedimento de análise cujo objetivo é ter uma visão interna e externa do processo de forma total e identificar os elementos-chave para um melhor diagnóstico da prática e sua efetivação.

A seguir, apresenta-se por meio de imagem (Figura 4) uma representação gráfica da matriz FOFA, delineada em quatro quadrados iguais, onde seriam registrados os fatores positivos e negativos do período como professora de 1º ano do E.F em isolamento social devido à pandemia causada pelo vírus COVID-19.

	Fatores internos (controláveis)	Fatores externos (incontroláveis)
Pontos fortes	F ORÇAS	O PORTUNIDADES
Pontos fracos	F RAQUEZAS	A MEAÇAS

Figura 4: Análise FOFA; Fonte: Google Imagens. (n.d.)

Entende-se como Forças dois elementos de cunho emocional, sob minha ótica, para atravessar o ano letivo de modo prazeroso. O primeiro ponto a ser destacado foi a parceria que criei e pude ter com a companheira de trabalho e também professora Laura, que literalmente foi um alicerce durante o período em isolamento social, trabalhando incansavelmente para manter a todos, corpo pedagógico, famílias e crianças, tranquilos e satisfeitos. Bem como o envolvimento que pudemos ter com as famílias, tornando a educação de seus filhos algo mais próximo de sua realidade e até mesmo perceptível para alguns. Foi de extrema significância receber retornos positivos das práticas oferecidas e do acolhimento perante às crianças.

Como Oportunidades, vejo as ferramentas digitais presentes no processo de ensino e aprendizagem das crianças, que até então estavam distantes de seu percurso escolar. Todos os alunos já haviam tido contado com uma tendência digital, seja por jogos ou até vídeos, porém dentro do ambiente escolar, nesta instituição, estava restrito a isolados momentos em que utilizávamos a sala de informática com algum objetivo ligado a conteúdo. Com a educação remota, os alunos passaram a utilizar a tecnologia em sua própria aprendizagem, logo tornaram-se autônomos em suas tarefas e puderam explorar este meio de forma construtiva.

Relativamente às Fraquezas, o que não pode deixar de ser destacado é a falta de contato físico e a interação social, já citada anteriormente. Para uma melhor relação entre criança-criança e criança-adulto, o contato físico com o outro e até com a sua educação de maneira mais concreta possui um significado mais efetivo. Além de que, o ambiente escolar está repleto de elementos e riquezas para a criança lidar com a aprendizagem de forma mais tranquila.

No que tange às Ameaças, considero a frequente falha na conexão do município de Ilhabela, o que conseqüentemente gerou, em alguns momentos, frustrações em algumas crianças, por não conseguir participar das aulas ou por não ser possível expressar de maneira espontânea as suas vivências.

Em suma, o Estágio decorreu em um ano letivo marcado por desafios e complexidades no que diz respeito ao campo educacional, porém com possibilidades pedagógicas até então não exploradas durante o percurso como pedagoga/professora. Foi trilhado um caminho com leveza e esperança, direcionando a todos os envolvidos ao processo de ensino e aprendizagem de forma mais agradável do que o esperado para um momento tão turbulento. Gostaria de frisar que tive pessoas que me apoiaram e deram extrema força para que a realização concluísse positivamente, todos os entrevistados ficaram felizes ao participar desta etapa, e estiveram ao meu lado durante o maior desafio profissional.

CONCLUSÃO

Reflexões Finais

Complementando o Relatório de Estágio, considerou-se importante uma análise global acerca do ano letivo, seus desafios e também seus benefícios para a educação, de forma reflexiva. Ao analisar as aprendizagens em seu conjunto, coletivamente, é possível considerar que algumas das vivências encontradas por meio das plataformas virtuais foram positivas e capazes de unir ainda mais famílias e escolas. Quando pudemos perceber, estávamos, escolas e famílias, dentro das casas uns dos outros. Conhecemos cachorros, irmãos, tios, tias... Todos de forma on-line, claro, mas estávamos presentes na vida um do outro em diversos momentos.

Durante as propostas síncronas, o maior desafio foi deixar de lado o pensamento: “Como teria sido se estivéssemos na escola...”, e aprendermos a validar e valorizar as salas de aula virtuais, porque através da virtualidade pudemos estar pertos uns dos outros, pudemos seguir sendo uma escola, uma turma de Ensino Fundamental e estávamos carregados de significados e aprendizados.

O importante mesmo foi saber que o nosso espaço escolar continuava no mesmo lugar e estava pronto para nos receber, quando pudéssemos e fosse seguro retornar. Essa era a esperança e o que manteve vivo a vontade de aprender em todos, alunos e professoras.

Considera-se, então, que o espaço escolar vai muito além do ensinar e aprender conteúdos, pois é ali que permeiam as primeiras vivências em sociedade, existe o contato com o outro, com o novo, os primeiros conflitos a se resolver, e são esses diversos elementos e situações que auxiliam no desenvolvimento de seres multidimensionais e sujeitos ativos, dialogando com todas as dimensões do amadurecimento de um indivíduo a todo instante.

Ao direcionar propostas para o ensino remoto, pôde-se notar que atividades que costumavam nortear o trabalho pedagógico no espaço físico da escola, perderam o sentido e deram abertura para outras, ainda mais significativas. É possível afirmar que tivemos alguns avanços, que a comunidade escolar, em si, aprendeu e teve de evoluir muito ao longo do ano de 2020. O desafio surgiu e nos tirou de nossa zona de conforto, e tivemos de aprimorar nossas práticas pedagógicas que fossem condizentes com a necessidade do momento.

Quando pudemos perceber que não é justo comparar o ensino remoto com o presencial, pudemos tirar grandes proveitos das aulas através das telas. E não é justo porque sabemos da abundância de possíveis intervenções e propostas que o espaço escolar pode nos oferecer, deixando de lado toda a idealização de uma escola perfeita. Mas sabemos que ali,

no convívio cotidiano, ocorrem inúmeros aprendizados através de questionamentos, curiosidades e até mesmo durante as discordâncias entre os alunos e professores, que nem sempre estavam dentro do planejamento ou currículo escolar, mas apoiam a prática.

Se me perguntarem o que aprendi em 2020, sem dúvida alguma diria: a escola é insubstituível e educar vai muito além de ensinar e decorar conteúdo. É experiência, é vivência, é brincadeira, é frustração, é conflito, é respeito e é amor.

Além disso, deve-se enfatizar neste relatório a importância dos vários atores perante a educação de uma criança, agentes sociais escolares e familiares que juntos, contribuem para a formação e desenvolvimento de cada sujeito presente em nossa sociedade. A educação através da ótica sócio construtivista, utiliza e valoriza os saberes prévios dos alunos, centralizando-os em seu próprio processo de ensino e aprendizagem. Este foi o grande desafio do ano letivo de 2020: manter a aprendizagem centrada no aluno e no lúdico, ouvindo-os e impulsionando-os para cada vez mais ampliar a aquisição de aprendizados.

A socialização, ponto chave do sócio construtivismo, ocorreu distante da presença física, mas foi através da interação social do grupo, alunos e professores, que obtivemos descobertas, novos conhecimentos e reflexões, centrando o aluno em seu saber e no seu mundo. Desta forma, o papel do professor sócio construtivista durante o período de isolamento social foi manter ainda mais as metodologias ativas, sendo um grande suporte perante o protagonismo de seus alunos, acolher suas angústias e valorizar suas diversas experiências.

Claro que, o convívio e as interações não foram tão intensas como de costume. Não houve conflitos por divisão de material, compartilhamento do espaço ou até por angústias pessoais em brincadeiras e jogos. E nesses momentos ocorre uma gama diversa de aprendizados, não somente através do conteúdo programático previsto no currículo. As angústias, na verdade, estiveram presentes na vida das crianças, uma vez que a rotina mudou completamente e as restrições se amplificaram, limitando-se à sua casa e à sua família. A forma como escolhemos lidar com a situação, tranquilizando os alunos sempre que possível, auxiliou na diminuição do impacto para o psicológico de cada um, mantendo uma postura de segurança, o que muitas vezes é o que as crianças buscam em seus adultos de referência.

Considerando a Pedagogia de Projetos, acreditamos que apesar de não termos a presença física, o que é extremamente significativo para o aprendizado, foi possível realizar o processo de ensino e aprendizagem através de experiências positivas, sem fomentar a memorização de conteúdos a todo instante. Ao final de cada semana, os alunos possuíram espaço para argumentar sobre os aprendizados, explorá-los e apresentá-los entre si, de

maneira leve e construtiva. Durante esta jornada, o professor tem um papel de mediador das relações de aprendizagem e também de orientador, o que auxilia o aluno na busca pelo sentido daquilo que se aprende.

Tendo em vista as Ciências da Educação e sua complexidade, compreende-se o ato pedagógico como uma operação autorreflexiva, não sendo atribuída a agentes externos à própria ação pedagógica, posto que a autorreflexão pode direcionar à orientação da prática educacional e a sua idealização. Neste mesmo sentido de consideração, John Dewey, em 1929, apresenta um estudo das fontes da educação, em que destaca que o norte do estudo da educação é a própria prática educativa, e não apenas as construções teóricas e elaboradas por disciplinas científicas. Conforme Dewey, a fonte primária que envolve as Ciências da Educação são os processos e os resultados educativos.

Para tanto, as Ciências da Educação, mais precisamente a Pedagogia, contribuem para o Ensino Fundamental na medida em que envolvem os processos de ensino e aprendizagem e buscam refletir sobre os princípios educacionais, sistematizando-os no ensino de crianças e jovens. No que tange ao ano letivo de 2020, o isolamento social acarretou em um cenário ainda mais desafiador para a educação, e que refletido minuciosamente a todo instante pelos profissionais, pôde gerar novas discussões com a intenção de mapear possibilidades de ações para o presente e também para o futuro.

É reforçado, entretanto, o papel do professor e da escola perante à sociedade, como agente e local de socialização, desenvolvimento humano e construção do conhecimento, tendo um importante papel na formação individual de cada aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

- Bacich, L., & Moran, J. (2018) (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, e-PUB.
- Barbosa, M. C. S.; Delgado, A. C. C. et al. (2012). *A infância no ensino fundamental de 9 anos*. Porto Alegre: Penso.
- Bidarra, M. G., & Festas, M, I. (2005). Construtivismo(s): Implicações e interpretações educativas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39(2), 177-195.
- Boiko, V., & Zamberlan, M. (2001). *A perspectiva socioconstrutivismo na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola*. Disponível em: <http://ref.scielo.org/2jmtb4>
- Constituição da República Federativa do Brasil. (1988). Acessado a junho 1, 2021, em Governo Federal: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.htm
- Brasil, Ministério da Educação (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.
- Brasil, Ministério da Educação (2004). *Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais*. Brasília.
- Damião, H.; Rocha, C.; Nascimento, M. (2020). A importância do ensino: contributos da teoria histórico-cultural-escola de Vygotsky. *Revista Egítania Scientia*. n. 26, pp.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paidéia (Ribeirão Preto), 17 (36), 21-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>
- Freire, P. (2017). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez. E-book.
- Ferreiro, E. (2011). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed.
- FPCE-UC (2016). *Regulamento do Estágio Curricular do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra*. Disponível em: https://www.uc.pt/fpce/normas/pdfs/regulamentos/fpce/Regulamento_MCE_08_Mai_o.pdf.

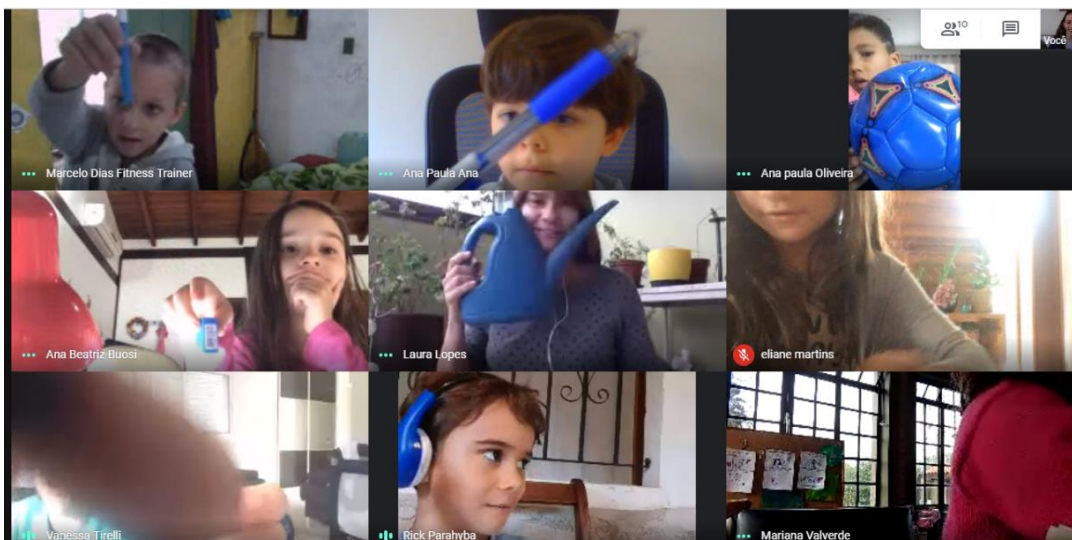
- Gomes, N.; Beauchamp, J.; Pagel, S.; Nascimento, A. (2007). *Indagações sobre currículo: Diversidade e Currículo*. Brasília: Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>.
- Jófilo, Z. (2002). Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. *Educação: teorias e práticas*, 2 (2), 191-208.
- Medeiros, A., & Medeiros, C. (2006). *Einstein e a educação*. São Paulo: Livraria da Física.
- Monroe, C. (2018). *Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>
- Parrat, S., & Tryphon, A. (1998). *Piaget sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pellegrini, D., & Fevorini, F. (2001, September 1). *Letramento de verdade*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2601/letramento-de-verdade>
- Piaget, J. (1976). *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, Prefácio.
- Piaget, J. (1969). *Sabedoria e ilusões da Filosofia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Presse, F. *Unesco: metade dos estudantes do mundo sem aulas por conta da Covid-19*. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/03/18/unesco-metade-dos-estudantes-do-mundo-sem-aulas-por-conta-da-covid-19.ghtml>
- Rego, T. C. (2003). *Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sampaio, R. M. (2020). Teaching and literacy practices in COVID-19 pandemic times. *Research, Society and Development* 9(7), e519974430. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4430>
- Soares, M. (2017). *Alfabetização e letramento*. 7 ed. São Paulo. Contexto, 2017. *E-book*.
- Toyohara, D. Q. K. et al. (2010). *Aprendizagem Baseada em Projetos. Uma nova estratégia de ensino para o desenvolvimento de projetos*. In PBL Congresso Internacional 2010. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/7/artigos/104325.pdf>.

ANEXOS

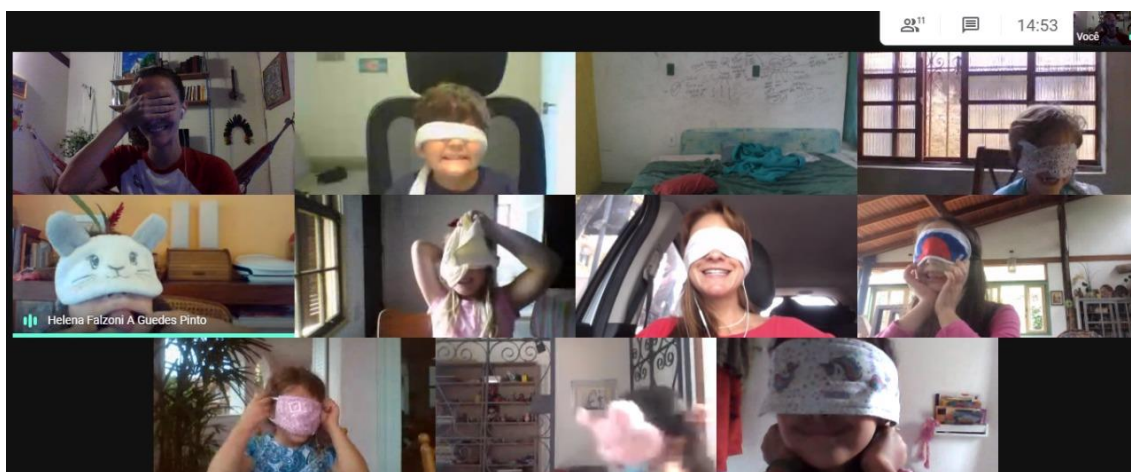
Anexo 1: Sondagem

Colégio São João Khobelô	
NOME: _____	DATA: 25/03
G P O X F I M J B S Z T E	G P O X F I M J B S Z T E
Y H C Q N A W R V K D L U	Y H C Q N A W R V K D L U
. G S K W F U Y J M N O U	. TARTARUGA
. Q S H C W Q S X X S I	. CAVALO
. G G I S V I T U T U X T O	. GATO
. M O U X G E L E L P G	. BDI
<u>OWIGSCLE</u>	<u>O CAVALO É RÁPIDO</u>

Anexo 2: Elefantinho Colorido




Anexo 3: Desenho com venda (5 sentidos)



Anexo 4: Pesquisa (5 sentidos)

FOLHA 2


Colégio São João Ilhabela

NOME _____

DATA: 29/09/2020 PROFESSORA: IRIS

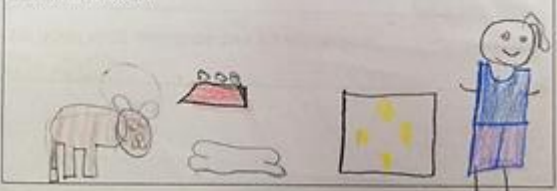
PESQUISA – PARA APRESENTAR NO ENCONTRO DE SEXTA-FEIRA!
VAMOS PRESTAR ATENÇÃO NOS ANIMAIS E SEUS SENTIDOS.
COMO TATO, AUDIÇÃO, VISÃO, PALADAR E OLFATO MAIS AGUÇADOS QUE HUMANOS OU ALGUMAS OUTRAS ESPÉCIES, UTILIZANDO DE FORMA ESPECIAL PARA DIFERENTES PROPÓSITOS.

QUAL É O SEU ANIMAL PREFERIDO?
CAEHOBBRO

BOM TRABALHO!


QUAL É O SENTIDO MAIS AGUÇADO DESTE ANIMAL? E NO QUE ISTO O AJUDA PARA A SUA SOBREVIVÊNCIA?
OLFATO, AJUDA IDENTIFICAR AS COISAS

ILUSTRE SUA DESCOBERTA



Anexo 5: Projeto Tenho Monstros na Barriga

AULA SÍNCRONA 23/11 - IRIS


Colégio São João Ilhabela

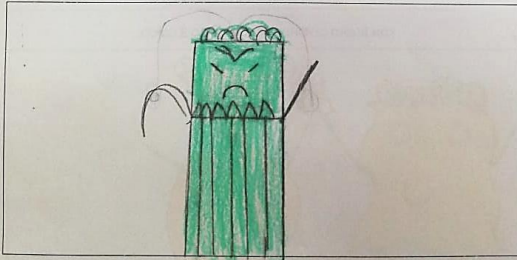
MEU MONSTRINHO DO CIÚME SURGE QUANDO:
QUANDO NÃO BIRÓ

LEMBRO QUE UM MOMENTO QUE SENTI CIÚME FOI QUANDO:
QUANDO NÃO BIRÓ NO RO

COMO FICAM MEU ROSTO E MEU CORPO QUANDO SINTO CIÚME?
MÍH SOBCLRA PCA PRSMA
BOCA BR LADO

EU SEI QUE ALGUÉM ESTÁ SENTINDO CIÚME QUANDO:
SOBCLR BSMA

COMO É O SEU MONSTRINHO DO CIÚME?



APÊNDICES

Apêndice 1: Entrevistas com famílias

Entrevistado 1

1. Qual foi o impacto do isolamento social no cotidiano familiar? Em linhas gerais, como se organizou esse cotidiano?

O impacto inicial foi uma sensação de muito medo. Porque de repente, de um dia para o outro, ela parou de ir para a escola. A gente já estava falando sobre a pandemia, que talvez iria chegar aqui e ia ficar um pouquinho, não é? Mas aí parou de ir para a escola e nós achamos que seriam por algumas semanas e ficou muito tempo. E não foi só isso. Parou de ver os avós, de ver os amigos. Então, ela saiu de uma vida livre para uma prisão, praticamente. E impactou também porque eu tive que reduzir o trabalho, apesar de ser médica, para poder acompanhá-la mais e o meu marido também não conseguia dar uma atenção de qualidade, porque ficava em casa, mas sempre trabalhando. Então por isso eu tive que reduzir o meu trabalho para ficar com a minha filha em casa e acho que o impacto foi mais no emocional de todos nós mesmo. E em relação ao cotidiano, a gente começou a fazer mais coisas juntos. Normalmente só ficávamos os três juntos nos finais de semana, então acabamos brincando mais com ela, comendo, assistindo filmes. Então esse momento uniu mais a nossa família também.

2. Sua família conseguiu criar uma rotina de estudos, tanto para a realização das atividades assíncronas, quanto para as aulas on-line?

A gente conseguiu sim. Percebemos que se ela fizesse os dois na parte da tarde (assíncronas e síncronas) ela ficava muito cansada. Então começamos a fazer as assíncronas de manhã, depois que ela estava mais disposta. Depois disso ela tinha um momento para brincar, descansar um pouco e almoçar, para então ir para as aulas síncronas.

3. Quais as maiores dificuldades?

Como mãe, eu acho que foi a alfabetização. Porque ela estava bem no ano para iniciar a alfabetização e eu fiquei confusa, com medo de não conseguir ajudar. Era um medo como

mãe mesmo, acho que a Criança 1³ nem sentiu, para ela foi bem tranquilo. Mas no fim foi maravilhoso, deu super certo. E a dificuldade dela era em fazer lição de casa com o pai, porque ele tinha menos paciência e é mais duro. Então ela pediu para todas as lições serem feitas comigo e a partir daí acho que ela ficou mais à vontade mesmo. E uma grande dificuldade também, principalmente no início, foi prender a atenção da Criança 1 pelo computador e eu sentia que ela não conseguia prestar muita atenção, porque as crianças queriam falar ao mesmo tempo, demoraram para entender a dinâmica do virtual.

4. Considera que a (re) organização do trabalho escolar foi pertinente?

Sim. Eu sempre tive uma visão mais ampla, de que ninguém nunca tinha feito isso. Então teria falhas pelo caminho mesmo. Nem a escola tinha feito até hoje um ensino on-line e nem as famílias. Era uma coisa totalmente nova, com pessoas lidando com medo e outras angústias também. E eu acho que a escola fez o melhor que poderia ser feito naquele momento. E a verdade é que não achávamos que ficaríamos tanto tempo longe da escola e ninguém estava preparado para isso.

5. E relativamente à comunicação com a escola e a professora, como decorreu?

Com a escola a comunicação foi difícil, porque as mensagens pelo WhatsApp tinham uma demora grande para serem respondidas, ou respondiam uma mensagem padrão, que não era uma coisa pessoal. Talvez pelo número de mensagens que recebiam também. Mas alguns assuntos precisavam de mais agilidade para serem resolvidos. Mas como tínhamos o contato direto com as professoras, então isso supriu toda a falha na comunicação. O contato com as professoras foi fundamental.

6. Em relação às atividades, tanto as enviadas para realização em casa, quanto às realizadas em aulas síncronas, considerou o volume adequado?

No começo foi bem pouquinho. Mas também é aquilo novamente, nós achávamos que seria só algo bem leve e uma recreação por algumas semanas. Depois foi aumentando o número de vídeos, mais encontros virtuais por semana, e foi melhorando. E aí depois

³ Criança 1: Filho (a) do Entrevistado 1.

das férias de julho, no segundo semestre, voltou naquele “apetite”, com muitas aulas e lições. Então a primeira semana foi mais pesada para a Criança 1, bem cansativa. Mas depois ela se acostumou e sentimos que foi um ritmo bem legal, que encontraram o caminho certo para lidar com as aulas remotas. Acho que esse último semestre foi mais organizado, foi ótimo e a sala foi dividida também, então conseguiram dar atenção para todas as crianças, o que foi maravilhoso.

7. Quais propostas de atividades você considerou mais produtivas?

As mais produtivas acho que foram os jogos, tudo que envolvia essa dinâmica de jogos eu acho que eram as mais produtivas. Mesmo as que vocês mandavam como sugestão para assíncronas. Mas os bingos e a força envolveram bastante a Criança 1 na aprendizagem dela.

8. Você sentiu alguma dificuldade para envolver seu (sua) filho (a) nas propostas?

Não, nenhuma. Com ela foi muito fácil.

9. Quais aspectos você considera que foram mais prejudicados, para o seu filho (a), durante o período do ensino remoto?

A interação social, com certeza. Porque ela não tem irmão ou irmã e acabou ficando muito tempo só com adultos e criança precisa de outras crianças. Mesmo que estivesse por vídeo, o on-line não é a mesma coisa do que a presença física e a energia das crianças. Ela quando vai para a escola eu vejo que os olhinhos brilham, ela se sente realizada.

10. Destaca algum aspecto positivo, durante esse tempo, para o seu filho (a)?

Sim. O positivo foi ficar mais com a gente, com os pais. Para mim foi maravilhoso poder ensiná-la também e dar mais atenção aos estudos dela, e senti que para ela foi muito bom ter esse apoio e incentivo. Então nos envolvemos muito nesses momentos que tivemos juntas, porque tive total atenção só para ela. E eu acho que ela amadureceu muito durante esse tempo também, até demais na verdade. Ela pensa muito sobre essa questão do COVID, até na hora de ir tomar um sorvete com a prima. Ela fica atenta o tempo todo

para passar álcool, ficar com a máscara. Até em outras questões também, em relação às compras de casa, ao nosso dinheiro, até com isso ela fica preocupada. E eu acho que por eu ser médica ela teve que lidar muito com essas situações também, ouviu muita coisa e sabe muita coisa. Até quando algum paciente me liga, ela acompanha e até fala baixinho o que é que precisa fazer, sabe? Então ela convive bastante, pega o contexto e vai entendendo mais.

11. Tem sugestão para alguma prática que pudesse ter sido realizada ou aperfeiçoada no ensino remoto?

Eu sou suspeita para falar, porque para mim foi tudo perfeito. Eu acho que tudo que achávamos que precisava melhorar, a gente falava com vocês (professoras e escola) e vocês já ajustavam conforme a nossa necessidade, sempre dando atenção e acolhendo. Essa relação com você e a Laura (professoras) fez toda a diferença.

12. Que reflexões lhe ocorrem sobre a relação Escola - Família?

Eu acho que tem que ser a relação mais próxima possível e sem muitas cobranças de ambos os lados. Lógico que tanto a escola quanto a família têm responsabilidades e deveres, mas precisamos ter uma relação boa e lembrarmos que quem deve estar em primeiro lugar são as crianças, sempre. O importante é que além da aprendizagem, eles estejam felizes e acolhidos.

13. Em sua opinião, qual a importância da escola e do professor na formação das crianças?

Eu acho que é muito importante. Porque o professor é o exemplo, eu sinto que vocês (professoras) são as super-heroínas dela, são a referência das crianças fora de casa, do ambiente familiar. Então eu acho que a escola precisa proporcionar bons professores e é importante porque estão formando cidadãos também. É na escola que as crianças saem do ninho, é lá que vai interagir com outras pessoas, conhecer e até formar outras opiniões diferente da nossa. É na escola que as crianças vão conhecer um outro mundo, então eu acho importantíssimo a escola ser um bom lugar para ela conhecer o mundo.

14. Tem mais algum ponto que queira acrescentar?

Eu vou falar que você e a Laura (professoras) são maravilhosas. Se não fosse vocês, nem imagino como teria sido. Foi bom porque tivemos muita parceria com as professoras, que nos receberam sempre com muito amor, carinho e paciência.

Entrevistado 2

1. Qual foi o impacto do isolamento social no cotidiano familiar? Em linhas gerais, como se organizou esse cotidiano?

Para nós, a princípio foi bem complicado por causa da empresa, do trabalho. E pelo lado negativo para nós, foi muito difícil conciliar a parte das empresas, porque nós temos uma loja em São Paulo e outra no Rio de Janeiro e como são Estados diferentes, enfrentamos leis e decretos diferentes também. Então o maior impacto inicial foi o trabalho e essa distância física com todos os funcionários e a dinâmica dentro das lojas mudou bastante.

Agora, tivemos um lado positivo que foi ter ficado mais em casa com a Criança 2⁴, a minha mãe (avó dele) também ficou em casa durante este período. Não alterou muito o cotidiano familiar, porque nós somos muito caseiros, mas neste período pudemos ficar mais ainda juntos, foi 24 horas por dia. E demos total atenção e carinho para a Criança 2, então para ela foi muito bom.

2. Sua família conseguiu criar uma rotina de estudos, tanto para a realização das atividades assíncronas, quanto para as aulas on-line?

Logo que iniciaram as atividades remotas, o Colégio enviou bastante vídeo de vocês (professoras), que são as atividades assíncronas, não é? Para essas em si nós não nos empenhamos muito, para falar a verdade. Achamos melhor distanciar neste momento das propostas da escola e aproveitarmos mais a rotina em casa com a Criança 2, com medo do que iria refletir para ela, que só tinha 6 anos. Ficamos um pouco alienados durante este começo, achamos melhor assim.

⁴ Criança 2: Filho (a) do Entrevistado 2.

E achei que essas aulas e propostas gravadas não funcionaram muito para a Criança 2, mas também não teve muito empenho nosso para sentar com ele e fazer. Tivemos um atraso para se organizar, e acho que o próprio Colégio também.

Agora, quando começaram as aulas on-line (síncrona), foi muito fácil entrar na rotina dela. Primeiro porque eu conversei muito com ela sobre escola e responsabilidades, e também vi que ela aceitou muito bem essa nova rotina e gostou bastante. A Criança 2 perdeu poucas aulas on-line e ficava chateada quando isso acontecia.

Percebi que um pouco mais para o final do ano ela ficava enjoada, mas pelo excesso de tempo na tela, porque as aulas foram aumentando também. E ela não tem costume de ficar muito na tela, no máximo uma TV ao fim do dia, então deve ter sido isso.

3. Quais as maiores dificuldades?

Para a Criança 2, não vi muitas dificuldades para as aulas on-line. Logo ela já criou uma autonomia e sabia como ligar a aula, deixava o material organizado para ter fácil acesso se fosse necessário. Então não senti muita dificuldade para ela. E ela sempre quis entrar, queria participar, então foi muito fácil.

4. Considera que a (re) organização do trabalho escolar foi pertinente?

Sim. Eu acho que depois das férias, no 2º semestre foi super legal, funcionou muito bem e estava mais estruturado. Mas acho que pelo menos 90% de todo esse trabalho que foi feito, foi mérito seu e da Laura (professoras), porque sem vocês duas teria sido diferente, com certeza. Poderia ter muita estrutura, muitas lições... mas a forma como vocês conduziram foi o que salvou o ano. O olhar, a forma como vocês duas acolheram as crianças e deram atenção em todo o momento, eu acho que foi o que salvou.

5. E relativamente à comunicação com a escola e a professora, como decorreu?

Foi muito boa a comunicação, acabamos tendo uma comunicação direta com você e com a Laura, que pode até ser errada ou fora das regras dos padrões escolares, porque estávamos com o contato pessoal, então foi uma comunicação muito rápida. Sabemos que não é o comum, mas foi um ano atípico então foi a melhor forma de nos compreendermos.

E com a secretaria do colégio também foi muito boa, sempre me responderam e foram receptivos.

6. Em relação às atividades, tanto as enviadas para realização em casa, quanto às realizadas em aulas síncronas, considerou o volume adequado?

Acho que foi na medida certa. Ainda mais para a Criança 2, porque vi que ela fazia com muita vontade e com o tempo ela foi fazendo sozinha, com bastante autonomia. Às vezes ela entendia muito rápido e outras um pouco menos, mas nada muito difícil ou frustrante para ela. E durante as aulas ela tinha loucura quando tinha jogos de forca ou bingo, ela adorava esses momentos. E acho que foi adequado porque ela foi alfabetizada com 1 hora e meia de aula por dia, o que eu acho fantástico. Claro que nós ajudamos muito, mas sentimos que para ela foi muito prazeroso esse processo.

7. Quais propostas de atividades você considerou mais produtivas?

Para a Criança 2 acho que foram os jogos que vocês faziam nas aulas on-line, ela ficava muito envolvida. A forca principalmente, ela começou a reproduzir em casa o tempo todo. Até no banho virou uma brincadeira para gente e ela foi ficando apaixonada por essa questão das letras, que todos os momentos ela usava esse tipo de brincadeira. O bingo também e ela queria reproduzir em casa, com toda a família. Então acho que para ela as atividades síncronas que envolviam jogos funcionaram muito bem. E até os momentos que vocês deixavam as crianças escreverem do jeito delas (escrita espontânea), essa confiança que eles foram sentindo, acho que foi um pacote e deu super certo.

8. Você sentiu alguma dificuldade para envolver seu (sua) filho (a) nas propostas?

Não senti dificuldade nenhuma, porque ao meu ver foi criada uma rotina e respeitávamos isso, sendo uma responsabilidade para ela esse momento com a escola, mesmo on-line.

9. Quais aspectos você considera que foram mais prejudicados, para o seu filho (a), durante o período do ensino remoto?

A Criança 2 é filha única, então eu tento ficar sempre atenta ao egoísmo, a querer dividir o que tem... acho que a perda maior foi o convívio mesmo com outras crianças. Porque a questão do conteúdo, se não desse certo, ela teria tempo de correr atrás. Mas esse convívio eu acho que se perdeu muito, até porque ela é uma criança muito tímida e vejo que esse ano, indo para a escola, ela até melhorou bastante.

A gente sente, no geral, a perda da presença da professora, do universo escolar e do que as crianças vivem lá, até os próprios conflitos e resoluções que existem ali. No on-line não tem isso, então senti que são esses detalhes que se perdem mesmo quando não está no ambiente escolar.

10. Destaca algum aspecto positivo, durante esse tempo, para o seu filho (a)?

A minha presença em casa, para ela, foi muito grande. Passamos muito tempo juntos e estávamos sempre fazendo companhia um para o outro. E ela gostou muito disso, para ela foi muito legal ter mais momentos comigo e com a avó dela. Criamos um vínculo ainda mais forte durante este período.

11. Tem sugestão para alguma prática que pudesse ter sido realizada ou aperfeiçoada no ensino remoto?

Uma coisa que eu entendi depois de um enfarto, terapia (risos) ... eu acho que o que foi feito naquele momento foi o que todos conseguiram fazer, o que deu para fazer. Não só as escolas, mas todos tivemos que nos adaptar e tivemos erros e acertos no caminho. Então é difícil julgar as práticas que a escola teve, ainda mais em uma Ilha, onde a internet não funciona muito bem... Dentro de tudo isso, acho que foi um ótimo trabalho.

12. Que reflexões lhe ocorrem sobre a relação Escola - Família?

Difícil mensurar isso. Para o aprendizado e crescimento do meu filho, não vejo como uma família não consegue “fechar” com a escola e vice-versa.

A família tem o seu papel e a escola tem o seu também, isto para a formação de todas as crianças. E eu acho que a escola tem que ter uma postura mais firme para lidar com as famílias, como instituição mesmo, e vejo as escolas hoje muito fragilizadas e talvez até perdendo um pouco de autonomia. E na verdade acho que as famílias devem confiar e acreditar mais nas escolas, então para mim deve ser uma relação de confiança.

13. Em sua opinião, qual a importância da escola e do professor na formação das crianças?

Eu acho que um professor salva pessoas, salva almas. Para mim, que sou filha de professora, a visão é mais ou menos essa.

É tão importante essa relação da escola e dos professores para as crianças, eu acho muito forte isso.

14. Tem mais algum ponto que queira acrescentar?

Eu quero acrescentar, sim. Acho que temos muitos professores diferentes, e a Criança 2 vai ter muitos ainda. Mas eu queria falar que somos muito agradecidos pelo seu trabalho, sua delicadeza. A forma como ela lidou com tudo isso, foi graças a vocês, que caíram como um anjo na vida dela. Vocês passaram, acrescentaram muito e esse muito ela vai levar para vida toda, tenho certeza.

Apêndice 2: Entrevista com a professora do 2º E.F.

Entrevistado 3

1. Qual é a sua formação e experiência como docente?

Sou formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Transformadora: pedagogia, fundamentos e práticas. Também busco percursos formativos que visem as novas construções sociais de aprendizagem, a descolonização do pensamento, a comunicação não violenta e uma educação que seja mais significativa e democrática. Minha experiência docente iniciou como estagiária na prefeitura de Guarulhos S.P, sendo

suporte para crianças com deficiência. Atuei como assistente de coordenação de uma escola de educação infantil. Fui professora tutora de português nos anos iniciais 3º, 4º e 5º ano. E agora estou professora de um 2º ano do ensino fundamental I.

2. Quais as suas expectativas, como educadora, para este ano letivo de 2021?

As minhas expectativas eram, a princípio, que as crianças se reconhecessem como grupo e reconhecessem o chão da escola como espaço potente de escuta, diálogo, estudo, pesquisa, criação, trabalho e relação.

3. Você considera que os alunos chegaram ao 2º ano com as potencialidades necessárias?

Considero que as crianças chegaram no 2º ano com as potencialidades necessárias e se mostraram desde o início abertas ao saber, e a expandir suas relações.

4. Você considera que os alunos sofreram algum impacto relacionado a pandemia e ao isolamento social?

Devido a pandemia, percebi que o impacto se deu mais na realidade e no contexto familiar de algumas crianças.

5. Quais as dificuldades que os seus alunos, no 2º ano, apresentaram?

As dificuldades apresentadas foram desde a falta de uma ou outra criança perceber-se em grupo, o que afetou a questão do convívio social. Até a falta de acompanhamento e estímulos em casa e que são importantes de serem oferecidos às crianças dessa faixa etária como: a leitura em conjunto, as boas oportunidades de escrita, os diálogos, as brincadeiras.

6. Quais foram os maiores desafios com essa turma?

O maior desafio foi estabelecer a compreensão de grupo, de que dentro desse grupo cada um caminha de uma maneira, que não são todos iguais ou precisam chegar nos mesmos lugares com a mesma velocidade, pelo contrário, cada um tem um ritmo, uma habilidade, uma forma de aprender e relacionar-se com o aprendizado. Relato esse desafio, pois foi nítido perceber como algumas crianças disputam quem faz primeiro, quem alcança primeiro, quem completa primeiro determinada atividade. Isso é angustiante de notar.

7. O que você acredita que teria sido fundamental ter trabalhado em 2020 com essa turma?

Não acredito que algo a mais de fundamental deveria ter sido trabalhado com essa turma, pelo contrário, o que foi trabalhado foi fundamental. Atravessamos um ano de pandemia, um ano de medos, receios, dúvidas e incertezas. Nunca estivemos tão próximos do luto como estivemos e o pior, como ainda estamos. Nada do que aconteceu no ano anterior poderia ter sido melhor ou fundamental. A forma como as professoras realizaram o trabalho, foi o melhor que puderam e fizeram, a forma como as professoras arquitetaram e construíram as narrativas e seus conteúdos, foi legítimo e certo.

8. Como você acha que a pandemia e o isolamento social vão impactar as práticas pedagógicas no futuro próximo?

Acredito que dentro da realidade de muitas escolas e diante de todo o enfrentamento referente à pandemia e ao isolamento social teremos algumas tendências que, na verdade, já eram estudadas, como ensino híbrido, por exemplo. A questão da tecnologia da educação, repensar a forma de ensinar e aprender sendo a tecnologia uma aliada no processo de ensino-aprendizagem. E o fundamental: o estímulo à empatia, tendo a escola como um lugar de promover a compreensão do momento que estamos atravessando e para além, a escola como um espaço de olhar com cuidado e afeto para as nossas relações dentro e fora do chão da escola. A escola como um lugar de acolher as incertezas e dialogar sobre a complexidade do que ainda iremos atravessar, promovendo espaços de escuta e trazendo as famílias para perto. É preciso entender a importância de sermos e atuarmos mais em comunidade/coletivo. A escola é um espaço potente para isso.

Apêndice 3: Entrevista com a diretora

Entrevistado 4

1. Qual é a sua formação e experiência?

Graduação em Pedagogia e Orientação Educacional, formação em 1976 em curso de Psicologia. Além de cursos diversos: Alfabetização, Matemática, Avaliação, Metodologias Ativas, BNCC, entre outros.

Experiências: Professora de Educação Infantil, Fundamental I, acompanhamento escolar (através de aulas particulares), Mantenedora Colégio São João desde 1998 e Direção do Colégio há 5 anos.

2. Como a pandemia e o isolamento social afetaram as atividades do Colégio São João?

A Pandemia afetou o Colégio na medida que seu funcionamento teve que ser reinventado. Apesar da extrema dedicação de toda a equipe (para que os alunos recebessem uma atenção tal que o cumprimento do trabalho educacional não fosse afetado), notou-se entre alguns dos envolvidos (equipe pedagógica e alunos) situações como: insegurança frente a utilização da tecnologia, pouca adaptação ao Ensino Remoto, ansiedade, depressão, falha no sinal de internet interrompendo aulas...

3. O Colégio já tinha alguma experiência com o ensino remoto?

O Colégio não tinha experiência nenhuma com o Ensino Remoto. Mas já estava com a proposta de trabalhar com Plataforma. E por esta razão, já estava implantando uma, a Plataforma Plurall, que utiliza o Google Meet para aulas síncronas. E também pôde, em pouco tempo capacitar a equipe.

4. Quais foram as adaptações necessárias para passar do ensino presencial para o remoto?

Costumo dizer que a nossa intuição foi feliz. Muita organização foi necessária. Definir um centro de comunicação entre escola e famílias foi essencial. (WhatsApp do Colégio com duas secretárias que se revezaram).

5. Como foi a reação dos alunos e famílias no início?

No início as reações das famílias foram as mais variadas. Após o susto perante tamanha mudança, as famílias acataram nossas orientações.

Algumas com mais confiança e demonstrando boa vontade no auxílio aos filhos no que se refere ao cumprimento das tarefas solicitadas. Outras demonstraram mais insegurança, fazendo muitas perguntas (como se tivéssemos a segurança das prontas respostas que dávamos). Nossa sensação foi a de que estávamos no centro do furacão e tínhamos que manter a calma, para salvar a todos desta situação atípica. Uma sensação de responsabilidade muito grande.

As famílias foram aos poucos definindo suas metas. Uns resolveram mudar imediatamente, isto é, sem esperar um tempo para que nos organizássemos.

Resolveram não gastar dinheiro e passar seus filhos para a escola pública. Mas, se fosse definir um modus operandi das famílias em sua maioria diria que a ansiedade foi o que mais apareceu.

6. Todos os alunos conseguiram aderir ao ensino remoto?

Sim. As exceções foram poucas, mas houveram. Atribuímos isso, provavelmente ao pouco apoio logístico em casa. Também sentimos dificuldade em manter o Ensino Remoto com a Educação Infantil.

Apesar do cuidado com a forma que foi conduzido, só vimos resultado positivo nas casas cujo apoio familiar foi efetivo.

Uma referência especial ao 1º ano do Ensino Fundamental: Na nossa escola, conseguimos manter grande parte dos alunos presentes no Ensino Remoto.

Encontramos a boa fórmula. Entre outros ganhos que obtiveram este ano, podemos citar que a grande maioria se alfabetizou.

7. No Ensino Fundamental 1 houve casos de dificuldade? Por quais razões?

No Fundamental I houve alguns casos de dificuldade com relação à postura em aula. Também com o prazo de entrega e cumprimento de tarefas.

Alguns alunos viajavam e demoravam um pouco a dar continuidade nas aulas, mas alguns até sentíamos a melhora, pelos apoios de melhor qualidade recebidos.

Mas o segredo do sucesso era a manutenção constante de comunicação escola-família e vice-versa.

8. Quais você considera os principais desafios do Ensino Fundamental 1 em tempos normais?

Penso que é no Fundamental 1 que o estudante adquire uma postura de trabalho escolar que sendo bem conduzido vai favorecê-lo para sempre no campo de aquisição de novos conhecimentos... e até mesmo de uma maneira profissional no seu futuro.

Vejo que um dos grandes desafios da Educação hoje é preparar o professor para atuar de forma adequada aos novos princípios educacionais que visam o desenvolvimento das competências e habilidades... até de acordo com a BNCC (novas bases educacionais). É necessário pensar e atuar uma nova cultura escolar. Ela deverá conduzir o trabalho do

educador. E, só ocorrerá mudanças e desenvolvimento se houver preparo da equipe para este novo modelo de aprendizagem, estes novos paradigmas.

Creio que o maior desafio está sendo esta busca, transição, implantação de novos caminhos que favoreçam um maior envolvimento do aluno com o conhecimento pois o torna objeto central dele, tornando-o protagonista de seu próprio aprendizado.

Importante e desafiador introduzir metodologias ativas, novas formas de avaliação, recursos tecnológicos, gráficos organizativos, trabalhos em grupo... Tudo de forma a orientar o trabalho pedagógico.

9. Quais foram os maiores desafios para o Ensino Fundamental 1 em tempos de isolamento social?

Percebi que, apesar do empenho dos professores em tornar o trabalho interessante aos alunos, percebia-se por vezes uma apatia, desinteresse, causados provavelmente pela falta que sentiam do ambiente escolar, dos relacionamentos sociais...

Penso também nos conflitos vividos que os ambientes familiares em confinamento causam.

E, por razões diversas (que o professor, as vezes não alcançam, por não ter a aproximação física com o aluno) as aulas tornam-se menos interessantes que o professor imaginava.

Portanto vejo que o maior desafio do professor foi combater o estresse emocional dos alunos. Para tanto planejávamos remotamente (quando sentíamos mais forte essa questão) lanches comunitários, atividades mais leves que propiciavam formas de as crianças manifestarem seus sentimentos... atividades de construção de poesias, relatos escritos, jogos...

10. Em termos de aprendizagem, quais adaptações resultaram em aspectos positivos?

Em termos de aprendizagem, algumas adaptações resultaram em aspectos bem positivos. Eu citaria alguns: a questão da pesquisa, do aluno ir buscar o conhecimento através de podcasts, filmes, vídeos. Vídeos bons, não é? Tivemos um certo trabalho em fazer boas garimpagens, porque tem muita informação na internet, então o professor deve procurar com bastante cuidado algo que esteja do nível da criança, que ela possa compreender e que seja de boa qualidade. Como positivo também, eu acho que pelo fato de cada um estar na sua casa, não tiveram muitas conversas paralelas entre os alunos, deixando o ambiente mais calmo para a aprendizagem. Também importante citar a relação afetiva

dos alunos com os professores, que sentimos que teve um maior vínculo durante este tempo.

11. E quais aspectos foram mais prejudicados?

Eu acho que após um tempo de ensino à distância, principalmente para alunos pequenos, porque com os menores é ainda mais difícil trabalhar sem muita troca social. Então depois de um tempo, se não houver um apoio familiar, os alunos acabam se prejudicando, na relação da aprendizagem e do social também. O social acho que foi o mais prejudicado neste período.

12. O Colégio alterou a forma de avaliar o desenvolvimento dos alunos do Ensino Fundamental 1?

Durante a fase, e ainda estamos com alguns alunos no ensino remoto, optamos por fazer a forma de avaliação à distância. Mas estamos, sim, estudando formas de avaliação mais efetivas. Estamos, por exemplo, transformando a P1 (uma avaliação que se faz mensalmente) por pequenas avaliações. E uma das coisas que acelerou ainda mais para essa mudança foi o isolamento social, a pandemia, que nos alertou para muitas questões importantes que o mundo de hoje pede. A avaliação é uma delas. Estamos fazendo alguns cursos, lendo a respeito e procurando, então, um trabalho bem efetivo com relação às avaliações.

13. Como você acha que a pandemia e o isolamento vão afetar as práticas pedagógicas no futuro próximo?

Eu acho que o que mais vai impactar vai ser o uso da tecnologia a favor da educação. Temos muitos recursos, que agora os professores e os alunos estão dominando muito mais, e além de ser eficiente, envolve mais os alunos e eles ficam mais felizes quando trabalham com tecnologia. E as crianças tem muita facilidade com as ferramentas. Fora isso, deu para percebermos que o aluno aprende muita coisa sozinho, ficando mais autônomo e não dependendo tanto do professor ou da escola. E essas metodologias ativas vão impactar nas práticas pedagógicas de um futuro próximo, tendo o aluno cada vez mais protagonismo no seu processo de ensino e aprendizagem. E depois desse quase um ano longe da escola, senti que os alunos foram percebendo o papel da escola e a sua importância e eles estão tendo uma postura mais madura. Eu acho que a posição do aluno

e do professor já mudou, mas ainda vai mudar bastante. A educação é dinâmica e precisa mudar.

14. Tem mais algum ponto que queira acrescentar?

Bom, quando eu penso o que eu gostaria de acrescentar em relação à educação de uma maneira geral, o que me aflige é com relação à outras escolas, ao restante do Brasil, que perdeu demais. O nosso governo não se preparou, não se empenhou. Nós profissionais da educação ficamos indignados com isso. Não teve preparação para o prosseguimento do estudo das escolas públicas e isso me aflige porque eu acho que o impacto vai ser tão negativo nessas crianças e na educação, na questão da desigualdade social. Por outro lado, uma coisa que considero boa, é que percebemos o quanto as crianças são capazes de se recuperar com velocidade. No início do ano, aqui no Colégio, encontramos muitos alunos inseguros, com defasagens... e depois de um empenho muito grande de toda a equipe, aos poucos, percebemos que os alunos estavam fluindo muito bem. Então eu acho que todos eles são capazes de se recuperar, e o que eu espero é que em um tempo bem próximo, possamos voltar aos estudos normais, todas as crianças. Eles têm direito a isso, a estar na escola. Momentos de reflexão, de aprendizagem, de conflitos ou de felicidade são vividos ali e tomara que logo possamos recuperar essa volta para todos, com uma vida mais tranquila e segura.